

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DAS CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

Macarena María Sfeir Sfeir

FAKE NEWS E PANDEMIA:
AS MÚLTIPLAS VIVÊNCIAS DA VERDADE

Trabalho de Conclusão de Curso em Psicologia

São Paulo
2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DAS CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA
Macarena María Sfeir Sfeir

FAKE NEWS E PANDEMIA:
AS MÚLTIPLAS VIVÊNCIAS DA VERDADE

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia, sob orientação da Profa. Dra. Luciana Szymanski Ribeiro Gomes.

SÃO PAULO
2022

A porta da verdade estava aberta,
mas só deixava passar
meia pessoa de cada vez.
Assim não era possível atingir toda a verdade,
porque a meia pessoa que entrava
só trazia o perfil de meia verdade.
E sua segunda metade
voltava igualmente com meio perfil.
E os meios perfis não coincidiam.
Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta.
Chegaram ao lugar luminoso
onde a verdade esplendia seus fogos.
Era dividida em metades
diferentes uma da outra.
Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.
Nenhuma das duas era totalmente bela.
E carecia optar. Cada um optou conforme
seu capricho, sua ilusão, sua miopia...

(Carlos Drummond de Andrade)

AGRADECIMENTOS

À professora Luciana, por tudo aquilo que aprendi. Por me encorajar e se empolgar, junto comigo, pela ideia do TCC. Por me ajudar a acalmar as angústias e inseguranças e por acreditar em mim, às vezes até mais do que eu mesma. Obrigada.

À minha mãe pelo encorajamento, pelo potente exemplo e pela possibilidade de sonhar...
Hold on to dreams.

Ao meu irmão pela troca rica de pensamentos, ideias e vivências, por sempre estar ao meu lado e pela revisão lógica de partes do presente trabalho.

À Beatriz, pela amizade, pela companhia e convivência, pelas risadas leves e conversas profundas, pelos momentos de aprendizagem e escrita lado a lado.

A Hannah e Luise, por não deixarem a distância impedi-las de me acompanhar tão de perto e por, ainda uma década depois, estarem genuinamente interessadas em escutar e dialogar a respeito do que me empolga.

À Priscila, pela amizade, pela ajuda, entre outros, na linguagem médico-científica necessária para falar de Covid-19 e pandemia.

Ao Jordy, por me mostrar as minhas possibilidades e conseguir me ajudar a interpretar o que eu queria fazer. Pelo grupo de estudos em fenomenologia, no qual aprendo muito!

À professora Fabiola, por me ensinar a amar a fenomenologia, logo no primeiro ano da graduação, e a fazer uma psicologia que seja também pelas e para as mulheres, mantendo sempre um olhar crítico. Pelas aulas, monitorias, supervisões e por aceitar ser a parecerista do presente trabalho.

À professora Ruth, por orientar a iniciação científica, primeira pesquisa que fiz, com tanto carinho e cuidado e por me mostrar que imprevistos e pandemias acontecem, mas no final tudo dá certo.

Aos meus professores, amigos e colegas da graduação. Por estes anos que foram, com certeza, dos melhores que vivi até agora.

RESUMO

A pesquisa “Fake News e pandemia: as múltiplas vivências da verdade” tem como objetivo investigar os fenômenos *fake news* e pandemia em seu contexto social e histórico. Para isso, foram realizadas duas entrevistas com participantes que tivessem vivenciado a pandemia e as *fake news* que dela surgiram e que apresentassem visões distintas a respeito deles. Foram realizadas entrevistas reflexivas, inspiradas na produção do grupo de pesquisa ECOFAM. No processo de análise foram definidas unidades de sentido, a saber, Narrativas; Distorção; Capitalismo; Absurdo; Minimização; Mídia; Em que acredito e por quê?; Postura do governo; Influência da família. A partir delas foram elaboradas constelações, ou seja, agrupamentos que puderam ser analisados a partir do contexto social em que as falas dos entrevistados surgiram. São elas: *Fake News* e Pandemia. Elas foram analisadas principalmente a partir dos escritos de Hannah Arendt e Marilena Chauí.

Palavras-chave: fenomenologia; *Fake News*; pandemia; Covid-19; Hannah Arendt; Marilena Chauí.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 <i>Fake News</i>	11
1.2 <i>A Pandemia da Covid-19</i>	13
1.3 <i>Hannah Arendt: Verdade e política</i>	15
1.4 <i>O discurso ideológico</i>	18
2 FAKE NEWS: UM OLHAR HISTÓRICO	22
2.1 <i>A desinformação fora do Brasil</i>	22
2.2 <i>A desinformação no Brasil</i>	25
3 OBJETIVO GERAL	28
4 OBJETIVO ESPECÍFICO	28
5 MÉTODO	29
5.1 <i>Princípios</i>	29
5.2 <i>Apreciação pelo comitê de ética</i>	31
5.3 <i>Participantes</i>	31
5.4 <i>Formato das entrevistas</i>	31
5.5 <i>A entrevista reflexiva</i>	31
5.6 <i>Constelações a partir de unidades de sentido</i>	33
6 SENTIDOS DO QUE SE REVELOU: UMA VISADA SOBRE AS ENTREVISTAS.....	34
6.1 <i>A entrevista com M.O.</i>	36
6.1.1 <i>Mídia</i>	37
6.1.2 <i>Postura do governo</i>	39
6.1.3 <i>Em que acredito e por quê?</i>	39
6.1.4 <i>Influência da família</i>	42
6.2 <i>A entrevista com L.A.</i>	43
6.2.1 <i>Distorção</i>	45
6.2.2 <i>Narrativas</i>	45
6.2.3 <i>Capitalismo</i>	47
6.2.4 <i>Minimização</i>	48
6.2.5 <i>Absurdo</i>	48
7 SENTIDOS CONSTELADOS: FAKE NEWS E PANDEMIA	50
7.1 <i>Primeira Constelação: Fake News</i>	51
7.2 <i>Segunda Constelação: Pandemia</i>	54
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	57

9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60
ANEXO A – TERMO DE CONSETIMENTO E LIVRE ESCLARECIMENTO	66
ANEXO B – ALGUMAS UNIDADES DE SENTIDO DA ENTREVISTA COM M.O.	67
ANEXO C – ALGUMAS UNIDADES DE SENTIDO DA ENTREVISTA COM L.A.	71

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Fake News: Globo admitiu manifestação pró-Bolsonaro.....	10
Figura 2: Primeiro esboço das unidades de sentido	35
Figura 3: Organização das constelações e unidades de sentido	35

PREFÁCIO

O problema da desinformação e da polarização do mundo não é novo. Na Grécia Antiga era proibido mentir ao povo, o que significa que a ideia da mentira já estava presente e a mentira já era vista como algo a ser evitado (ROMANO, 2019). O escritor Edgar Allan Poe escreveu, em 1844, um artigo sobre um homem que atravessou o oceano atlântico em três dias, o que se revelou ser mentira (BURKHARDT, 2017). Hoje, a problemática apenas ganhou novos aspectos e um novo nome: *fake news*.

Deparei-me com ela de forma nova e mais amplificada desde o início da pandemia. Por estarmos vivendo momentos intensos e assustadores, me parece que cada um se agarra com ainda mais vigor às crenças sobre como o mundo é e como as coisas funcionam. Procuram responder perguntas como: A pandemia é real? Qual remédio funciona contra a Covid-19? Quando a pandemia vai acabar? E, mais recentemente: As vacinas são eficazes?

Esse pensamento, no entanto, me levou a outro problema que não pertence apenas a mim, mas é cerne da discussão filosófica sobre a verdade: O que é a realidade? Como as pessoas interpretam o mundo em volta? Como elas se comunicam com as outras, tornando comum uma linguagem? Encontrei algumas respostas no pensamento fenomenológico que, desde seus primórdios, tem como um de seus objetos esse movimento da consciência em direção ao mundo -e vice-versa- trazendo para discussão a questão da interpretação das coisas.

Mas esses conceitos nunca estão desvinculados de seu contexto. Se há uma realidade e se existem as *fake news*, elas existem numa sociedade, são produzidas por ela e a influenciam. Na sociedade brasileira existem diversos pontos de vista que dependem, entre outros, do lugar que cada um ocupa. Existem pessoas negras, pardas, amarelas, brancas, homens, mulheres, pessoas cisgênero, transgênero, de diversas sexualidades, posições políticas, classes sociais e outros aspectos que levam a um conhecimento do mundo fundamentalmente diferente entre os que compõem essa sociedade. Também há variações no grau de encontrar-se aberto à compreensão do ponto de vista dos outros.

Desde o começo de 2020, a sociedade brasileira enfrentou uma situação que, por mais que mundial, impactou o país de forma específica. A experiência da pandemia no Brasil foi atravessada também pelo projeto político do momento. Houve desamparo, mortes desnecessárias, genocídio, e, também, *fake news*. Consistentemente foi espalhada informação falsa sobre a pandemia, a Covid-19, seus tratamentos e sua existência, tendo como protagonista dessas manipulações o presidente Jair Bolsonaro, que afastou parte dos brasileiros da perspectiva do conhecimento científico. Isto gerou polarização: dois grupos passaram a acreditar em informações opostas e não dialogaram um com o outro.

Tive diversas discussões com familiares, amigos e conhecidos a respeito daquilo que estamos vivendo e como enxergamos as coisas. Me perguntei como a nossa experiência do mundo podia ser tão fundamentalmente diferente. Sempre conhecemos o mundo de forma tão distinta ou isto era um fenômeno do momento?

Quem tem razão? Quem detém a “verdade”? E como eu, inserida no mundo, posso chegar a essas respostas? Mas talvez não seja esse o ponto. Ainda assim, intriga a dimensão que as *fake news* têm tomado no Brasil, tornando-se um fato cotidiano.

Me proponho, neste trabalho, a promover maior compreensão a respeito dos fenômenos das *fake news* e pandemia, além daquilo que é *fake news* para cada um, a partir da perspectiva de alguns entrevistados que apresentem discursos diversos.

1 INTRODUÇÃO

Em 1º de maio de 2021, em meio a uma pandemia, um milhão de pessoas se aglomeraram na avenida Paulista, em São Paulo, num ato que apoia o atual presidente Jair Bolsonaro e seu mandato. Segundo pode ser visto em fotos, trata-se da maior manifestação da história do Brasil e diversas pessoas falam disso.

Será? Dois dias mais tarde, o G1 publica: tratava-se de *Fake News*.



Figura 1: Fake News: Globo admitiu manifestação pró-Bolsonaro

(Fonte: G1, 2021)

As fotos que circulavam na internet eram de 2015, de um protesto contra a presidenta na época, Dilma Rousseff (G1, 2021). Antes de ser desmentida, no entanto, a notícia chegou ao conhecimento de grande parte da população e, em certos âmbitos das redes sociais, ainda acredita-se ser verdadeira.

Este evento não é isolado. Desde o começo da pandemia, as chamadas *fake news* têm crescido em número e alcance. Mas afinal, como o fenômeno *fake news* se revela? Emerge a partir de quais significados? E o que isto diz a respeito da sociedade em que ele surge? É disso que tratará esta pesquisa. Serão realizadas duas entrevistas com pessoas que detêm vivências diferentes a respeito das *fake news*. Finalmente, será discutido o que os resultados podem dizer a respeito da sociedade na qual eles surgem, levando em consideração o pensamento sobre verdade e política em Hannah Arendt e ideologia em Marilena Chauí.

Na Introdução iremos adentrar, num primeiro momento, no que são as Fake News. Elas serão, posteriormente, ilustradas a partir dos acontecimentos durante a pandemia que surgiu em 2020. Finalmente, pensaremos a respeito da mentira política, a partir do pensamento de Hannah Arendt (2018), que analisa a forma pela qual as verdades são modificadas dentro de uma sociedade, e de Marilena Chauí (2014), que pensa o discurso competente.

Há, em decorrência da introdução, um capítulo teórico sobre a história das Fake News.

Logo após serão apresentados os objetivos gerais, específicos e o método. A apresentação de resultados, análise e discussão se encontram divididas em dois títulos: “Sentidos do que se revelou: uma visada sobre as entrevistas” e “Sentidos constelados: *Fake News* e Pandemia”. Finalmente, o trabalho encerrará com as considerações finais.

A pesquisa em si será realizada em duas entrevistas reflexivas com duas pessoas que têm, entre si, têm opiniões diferentes a respeito daquilo que é, ou não, *fake news* e pandemia. Mais especificamente, será pesquisado o que é, para eles, *fake news* na pandemia. Os achados serão analisados e compreendidos no seu contexto social, através da teoria de Hannah Arendt (2018) e Marilena Chauí (2014).

1.1 Fake News

Graças à criação da internet, nunca o ser humano teve tantas informações à sua disposição e nunca foi tão fácil acessá-las. O espalhamento e a divulgação de tais mensagens se vê cada vez mais facilitada (BARCLAY, 2018; PASLAWSKA; POPIELSKA-BORYS, 2018). Há uma percepção coletiva de desespero e desamparo frente a tantas informações, algumas excludentes entre si, às quais estamos expostos diariamente. Esta vasta gama de referências que se apresenta a nós, torna difícil uma diferenciação a respeito daquilo que é verdadeiro e daquilo que é falso.

Com o advento da internet, qualquer pessoa pode publicar e compartilhar informações e aquilo que é divulgado não necessariamente passa por uma análise crítica que filtra o conteúdo a ser publicado. Nesse sentido, a internet trouxe liberdade para falar o que se quer, mas também o perigo de receber informações errôneas. Os dados e fatos que nos são apresentados dependem cada vez mais de algoritmos que, através de redes sociais e sites de pesquisa, fazem o trabalho de apresentar informações, verdadeiras ou falsas, que tornem mais provável que o usuário passe mais tempo fazendo uso de seus serviços. Segundo Barclay (2018), um agravante da situação é que grande parte da população não tem uma educação específica para questionar se está frente a notícias verdadeiras ou notícias falsas. Por isso,

desinformações são divulgadas, visando confirmar aspectos emocionais e raciocínios enviesados que os usuários apresentam e que os tornam mais susceptíveis a acreditar, gostar e, assim, clicar nelas (PASLAWSKA; POPIELSKA-BORYS, 2018).

Nos últimos anos, o termo desinformação vem sendo substituído pelo termo inglês *fake news* que, por sua vez, tem um tom dado pelo contexto atual que vivemos. Qual seria uma definição adequada para *fake news*? A respeito disto, Barclay (2018) escreve que, dado o momento histórico, é difícil achar uma definição sem que ela seja interpretada como posicionamento político. Isto se deve aos argumentos, comumente utilizados por figuras políticas, de que tudo aquilo que elas não querem reconhecer como verdadeiro, por ser desvantajoso para seus planos políticos, é *fake news*. Poderíamos dizer que o próprio termo *fake news* se tornou sujeito a opiniões. Para citar um exemplo, em 27 de março de 2019, numa matéria divulgada na GloboNews foi afirmado que Jair Bolsonaro demitiria o Ministro da Educação, Ricardo Véles. A isto, Bolsonaro respondeu que se tratava de *fake news*. Apenas uns dias mais tarde foi divulgada a demissão do ministro (AFONSO, 2019).

Contudo, Barclay se propõe oferecer uma definição ampla e provisória do termo discutido: “(...) *Fake News* é qualquer informação criada intencionalmente com o intuito de ser acreditável quando, na realidade, não o é”. (BARCLAY, 2018, tradução livre)

O resultado da influência de tais notícias, que podem ser de cunho altamente moral, polarizado e que se espalham rapidamente pelas mídias, é que o problema atual não está na obtenção das informações e sim no ato de discernimento a respeito da informação e na influência que notícias falsas podem ter na sociedade (STAAR, 2020).

Uma das consequências é uma desvalorização generalizada da ciência, a respeito da qual também se espalham *fake news*, o que, para aqueles que acreditam nelas, coloca a credibilidade dela em questão (TEIXEIRA, 2018). Ou seja, os próprios fatos são colocados como incertos.

Outro fator aqui são as redes sociais, junto com as quais se criou a chamada “cultura da partilha”, dotando às notícias, verdadeiras ou falsas, a capacidade de disseminar-se com grande velocidade (DELMAZO; VALENTE, 2018). Assim, o usuário das redes sociais encontra nelas e compartilha com seus conhecidos aqueles conteúdos que lhe convêm ou com os quais se identifica, independentemente de se estes são verídicos (SILVA, 2020). Juntaram-se, desta forma, usuários que dividem a mesma opinião a larga escala, reforçando entre si suas convicções e identificando-se uns com os outros (PINTO, 2018). Cria-se uma situação em que “qualquer pessoa pode publicar o que quiser, mesmo não tendo os conhecimentos necessários” (SILVEIRA et al, 2017).

Ainda, a situação de compartilhamento excessivo gera caos generalizado nas informações que são compartilhadas e recebidas. Isso se dá pela instabilidade e pelo grande fluxo de informações que a internet providencia (SILVA, 2020). Segundo Delmazo e Valente (2018), as notícias falsas relacionadas à política aumentam a polarização a respeito destes temas, partindo da lógica de que diferenças de opinião são algo ruim. Além disso, segundo Teixeira (2018), as notícias absurdas e claramente falsas constituem estratégias para chocar e, em decorrência, manipular a sociedade.

Como visto acima, as *fake news* são notícias criadas por pessoas que sabem que são falsas. Elas podem ter consequências altamente catastróficas para a sociedade na qual se espalham, ao criar insegurança, caos e a sensação de que os fatos básicos são passíveis de serem modificados.

Nesse sentido podemos começar a pensar a pandemia da Covid-19, em que grande parte da população brasileira ficou em quarentena e em que a vida social e política as redes de comunicação passaram a ocupar um papel proeminente. Além disso, o mundo se viu confrontado com um acontecimento sem precedentes e que precisou de grandes sacrifícios para ser superado. Isto significa que houve, desde o começo da pandemia, desejos de que a realidade fosse distinta daquilo que ela é. A seguir, irei discutir as *fake news* pandemia da Covid-19.

1.2 A Pandemia da Covid-19

Tendo em mente o que as *Fake News* são, esta pesquisa irá analisar a influências delas durante o período da pandemia da Covid-19.

O vírus SARS-CoV-2 se tornou conhecido no final de 2019, surgindo na cidade de Wuhan, na província de Hubey, na China (JAHANGIR; MUHEEM; RIZVI, 2020). Ele conseguiu se espalhar de forma rápida e provou ser suficientemente letal para que, em 30 de janeiro de 2020, fosse declarada uma emergência global de saúde. Na época, a maioria dos pacientes graves desenvolveu sintomas de deficiências respiratórias agudas e se descobriu que, como é o caso da maioria dos vírus da família coronavírus, o infectado pode passar a doença para outros durante vários dias ou até semanas antes de apresentar os primeiros sintomas. Desta forma, trata-se de um vírus perigoso e muitas vezes letal que é difícil de diagnosticar antes de se tornar contagioso, que consegue se espalhar com grande velocidade.

Torna-se necessário, neste momento, contextualizar as Fake News no momento social e histórico que estamos tratando, na pandemia. A sociedade em que vivemos é uma sociedade de classes, em que há uma população facilmente manipulável, dadas as condições desiguais

nas quais vive. É esta a sociedade que vivencia, a partir de 2020, uma pandemia, acontecimento que traz um momento propício para o espalhamento das *fake news*. A pandemia significou um afastamento físico da vida social e política. Assim, a população já vulnerável se tornou ainda mais vulnerável e a desigualdade, o racismo e a pobreza foram potencializados. As mídias e redes sociais, locais onde as *fake news* se espalha com força, tomaram um papel importante.

Segundo uma pesquisa do IBGE, em 2019, 78,3% da população brasileira utilizou a internet e 95,7% dessas pessoas utilizaram ela “para enviar ou receber mensagens de texto, voz ou imagens por aplicativos diferentes de *e-mail*” (IBGE, 2021). Assim, a internet e as redes sociais ocupam um lugar importante na vida cotidiana dos brasileiros.

Por se tratar de uma doença nova e inusitada, opiniões a respeito de seu diagnóstico, desenvolvimento, tratamentos e efeitos foram diversas e foi difícil julgar quais eram verdadeiras.

Distinguir o que é *fake news* e o que não é se torna mais difícil quando o tema tratado ainda é pouco conhecido e há disputas sobre ele entre os cientistas e nas pesquisas (BARCLAY, 2018). Além disso, tensões sociais podem tornar as pessoas mais suscetíveis a acreditar naquilo que é falso (TANDOC, 2017). Essas condições são observáveis durante a pandemia da Covid-19 e, com o começo da pandemia, houve um aumento evidente de *fake news* divulgadas. Segundo uma pesquisa realizada por de Matos (2020), a desinformação se espalhou a respeito de diversos aspectos em torno da doença. Dentro deles, a categoria que mais se destacou foi a terapêutica do vírus, seguida pelo número de casos de Covid-19.

Ainda segundo o mesmo autor, as *fake news* achadas são danosas especialmente porque elas promovem a banalização das notícias falsas que torna possível uma fácil apropriação do seu conteúdo pelo indivíduo e o rebaixamento de discernimento crítico entre o falso e o verdadeiro.

Como exemplos de tais *fake news* sobre a pandemia e o vírus SARS-CoV-2 podem ser citadas notícias sobre o uso adequado ou não de máscaras e o tratamento do vírus com cloroquina ou hidroxicloroquina, a última divulgada pelo presidente (VIVABEM UOL, 2021; IDOETA, 2021).

Hoje, por mais que diversas atividades tenham sido retomadas presencialmente, a pandemia ainda não acabou e, agora, os casos de Covid-19 estão subindo novamente.

É considerado pandemia, para o propósito desta pesquisa, tanto o espalhamento mundial do vírus SARS-CoV-2, quanto a vivência histórica e social relacionada com o fato de se estar vivendo uma pandemia.

1.3 Hannah Arendt: Verdade e política

Diante das notícias falsas divulgadas durante a pandemia do Covid-19 podemos utilizar, como recurso de análise, os escritos de Hannah Arendt. Em seu texto “Verdade e Política” (2018), ela discorre a respeito da forma pela qual as mentiras se dão na política e o que seria, nesse contexto, a verdade. Para isso, Arendt faz uma distinção entre aquilo que ela chama de verdade racional e aquilo que ela chama de verdade fatural.

Assim, as verdades racionais englobam verdades dificilmente questionáveis. O motivo é que qualquer negação seria obrigatoriamente invalidada em algum momento por meio da experiência ou experimentação humana. Mesmo encobertas, em algum momento da história seriam descobertas novamente, já que negá-las significaria negar a realidade instaurada pela ciência ou pela filosofia. No caso da ciência, o oposto da verdade racional é o erro e, no caso da filosofia, a ilusão. Ainda, a verdade racional pertence ao âmbito do ser humano individual que a descobre e afirma sem a necessidade de presença ou confirmação por parte de outros. (BARBOSA,2020; ARENDT, 2018)

Vamos pensar no exemplo da lei da gravidade como verdade racional. Se alguém afirmar que podemos definir a força de gravidade como a força graças à qual todos os objetos são repelidos pelo centro da terra, basta deixar cair qualquer objeto no chão para provar que isto é falso. De fato, se eu tiver um lápis na minha mão, eu posso soltá-lo e verificar que ele cai para baixo, em direção do centro da terra, e não para cima. É por isso que “Graças à força de gravidade, os objetos são atraídos pelo centro da terra” é uma verdade racional. Mesmo que alguém a desmintas, em algum momento ela reaparecerá e se tornará evidente que ela é verdadeira.

Já as verdades fatuais resultam da convivência humana e são facilmente disputáveis. Trata-se de fatos e eventos, pertencentes ao campo das ocupações dos homens. Eles estão constantemente em perigo de serem eliminados do mundo para sempre e são do campo da vida do cidadão. Isso porque a verdade fatural diz respeito a coisas que poderiam ter acontecido de outra forma e continuariam sendo plausíveis, já que os fatos muitas vezes acontecem de forma acidental. Não existe nada a respeito dela que a torna mais autoevidente do que uma opinião. Por isso é fácil confundir ambas.

Alguém poderia afirmar que, antes da chegada dos portugueses no território que hoje, num olhar ocidental, chamamos de Brasil, não havia seres humanos habitando-o. Poderíamos retrucar que o escrivão de Pedro Álvares Cabral, Pero Vaz de Caminha, protocolou o primeiro contato entre a tripulação de Cabral e os Tupinambás, povo indígena que habitava o sul da

Bahia na época. Neste caso, é fácil de estabelecer o que é verdade e o que não é porque há registros dos fatos. Agora vamos imaginar que todas as provas a respeito da existência de povos indígenas no Brasil antes da chegada dos portugueses tivessem sido destruídas e nenhum ser vivo se lembrasse disto. Com isso, se torna mais difícil retomar a verdade. De fato, seria quase impossível que ela surgisse, a não ser que fossem achadas novas provas. Enquanto isto não acontecesse, soaria plausível que não tivessem existido povos indígenas antes da chegada de Pedro Álvares Cabral. Ou seja, há a possibilidade de esconder uma verdade fatural e que ninguém a redescubra porque pode parecer plausível que a história tenha acontecido de forma diferente do que aconteceu, especialmente quando há uma falta de registros.

Diferentemente da verdade racional, a fatural só pode ser estabelecida no plural, enquanto várias pessoas coletivamente a percebem como verdadeira e ela existe apenas enquanto se fala sobre ela. É este o seu caráter de fragilidade. Se a verdade é estabelecida por testemunhas, estas não necessariamente são fidedignas. Também registros podem ser falsificados. Ainda, caso haja dúvidas, elas são esclarecidas através do consenso de uma maioria, que é passível de estar errada.

A verdade racional, por sua vez, é inicialmente estabelecida por uma pessoa singular. Por exemplo, o cientista pesquisa, experimenta e estabelece uma teoria a respeito de determinado tema. Seus achados são publicados em revistas e jornais, mas, em algum momento, o conhecimento por ele estabelecido pode adentrar no âmbito público. Segundo Arendt (2018), a partir do momento em que isto acontece, corre-se o perigo do acontecimento ser tratado como opinião. Isto significa se tornar mais uma de diversas possíveis opiniões a respeito de um tema, o que retira a própria inquestionabilidade da verdade racional.

As verdades fatuais são frágeis, mas o momento que estamos vivendo atualmente torna tanto verdades fatuais quanto racionais vulneráveis. Nunca na história, segundo Arendt, foram aceitas tantas opiniões diversas a respeito da verdade racional e nunca houve tanta hostilidade contra a verdade fatural.

Os fatos verdadeiros que Arendt (2018) toca aqui são fatos brutalmente elementares e indestrutíveis, a respeito dos quais não é possível haver diversas interpretações. Uma má-interpretação constitui uma mentira. Para ilustração desse ponto, Arendt traz uma anedota de Clemenceau, que...

“... tratava uma conversa amigável com um representante da República de Weimar sobre a questão da culpa da eclosão da Primeira Guerra Mundial. ‘- O que, em sua opinião - perguntou este a Clemenceau -

pensarão os historiadores futuros desse tema espinhoso e controverso?’ Ele replicou: ‘- Isso não sei. Mas tenho certeza que eles não dirão que a Bélgica invadiu a Alemanha.’” (ARENDR, 2018, p. 296)

Trata-se de fatos que são comumente a base de opiniões. É a respeito de um fato que as opiniões se formam e a existência de opiniões diferentes não altera a verdade do fato.

O problema surge quando a própria verdade é questionada e tratada como mais uma opinião, muitas vezes sob o argumento da liberdade de expressão. Segundo o pensamento de Arendt, se os próprios fatos são questionados, a liberdade de expressão vira uma farsa.

O contrário da verdade fatural é a mentira, ou seja, a tentativa de alterar o registro histórico. O mentiroso faz a mentira parecer com uma opinião. Ele mente porque deseja que a realidade fosse distinta e quer, de fato, modificá-la. Modificar, para Arendt, constitui uma ação e esta, por sua vez, é elemento através do qual se organiza a vida política. Ou seja, é uma atividade própria da vida em conjunto com outros seres humanos e é, assim, uma condição humana.

Pode acontecer, no entanto, que uma comunidade inteira decida acolher tal mentira como verdadeira. Nesta situação, aquele que diz a verdade está em desvantagem. Isto porque a verdade não é por si mesma distinguível de uma opinião, dado que ela poderia sempre ter sido de outra forma. O desfecho dos fatos, antes deles acontecerem, é imprevisível. A mentira, por sua vez, não é altamente previsível pelo mentiroso e pode ser modificada segundo o que mais agradaria o seu público. Ou seja, este tem a vantagem de poder moldar os fatos para serem mais convincentes.

Contudo, a mentira política moderna vem introduzindo novos aspectos à discussão. Diferentemente das formas anteriores, a moderna visa distorcer coisas que não são segredos. Todos conhecem aquelas verdades que a mentira política moderna tem como objeto e que, no fundo, ela visa destruir. Para tal, o mentiroso mente não apenas para os outros, mas também para si mesmo, acreditando naquilo que proclama. Assim, a faturalidade é destruída por completo. Não se trata mais de estabelecer uma mentira como a nova verdade. O que se instaura é o cinismo, que provou ser altamente efetivo. Qualquer imagem, ilusão ou mentira criada sempre tem uma vida curta, frente a estabilidade que a verdade tem ao longo do tempo. Por isso, a meta é outra:

“Notou-se muitas vezes que, a longo prazo, o resultado mais certo da lavagem cerebral é uma cuidadosa espécie de cinismo - uma absoluta recusa a

acreditar na verdade de qualquer coisa, por mais bem estabelecida que possa ser.” (ARENDDT, 2018, pg. 317)

Assim, a verdade é difamada como mentira e o sentido graças ao qual nos orientamos no mundo é destruído. Tal estratégia é tão bem-sucedida justamente por se desfazer da verdade e não fornecer nenhum outro tipo de resposta para substituí-la por completo. Ou seja, os acontecimentos do passado são tratados como abertos a possibilidades, o passado está em risco e, assim, a base para qualquer política. Em outras palavras, há constante mudança e confusão e a verdade se torna difícil de reconhecer.

Trazendo de volta para a presente pesquisa, podemos pensar que a pandemia do Covid-19 tem aspectos tanto de verdade racional, quanto de verdade fatural. Por um lado, ela surge de um vírus, o Sars-CoV-2, cuja verdade foi estabelecida, num primeiro momento, por Dr. Zhang Jixian (LI; CUI; ZHANG, 2020). Essa verdade se espalhou pelo mundo e adentrou no âmbito político, por conta do caráter pandêmico da doença, tendo impacto direto nas decisões tomadas por líderes nacionais. No entanto, a pandemia também constitui um fato histórico mundial. Ela causou fatos e eventos no mundo inteiro, como por exemplo a transferência de grande parte das atividades de trabalho e educação para o formato online, mas também a necessidade de uso de máscaras. Na nossa sociedade contemporânea e pensando nos escritos de Arendt, ela pode ser questionada de diversas formas: O vírus é real? A pandemia realmente está acontecendo? O isolamento, as máscaras, as vacinas, realmente nos protegem contra o vírus? São necessárias? Estas são algumas entre muitas outras possíveis perguntas e questionamentos, que não conseguem ser respondidas se a própria realidade tem se tornado vaga.

1.4 O discurso ideológico

Tendo entendido o que as Fake News são e o que elas podem causar numa sociedade, torna-se importante questionar por quem e como elas são espalhadas. Podemos pensar aqui em Marilena Chauí, que retoma o conceito de ideologia, contribuindo para a nossa discussão com mais um aspecto da desinformação. Se ela existe, é porque alguém a espalha. Ou seja, existe algo maior que nos leva a acreditar em determinadas narrativas e até a produzir as nossas próprias de uma maneira específica e não de outra. Isso se relaciona, como veremos, com a aspectos da nossa sociedade contemporânea e capitalista. Assim, falarei um pouco desta autora. Embora ela não esteja refletindo diretamente a respeito da desinformação, seu pensamento está relacionado ao contexto desta pesquisa, como veremos.

A autora retoma o conceito de ideologia, definindo-o como “a maneira necessária pelo qual os agentes sociais representam para si mesmos o *aparecer* social, econômico e político” (CHAUI, 2014; grifo da autora). Em outras palavras, se trata de uma imagem criada a respeito da realidade que não necessariamente condiz com ela. Pelo contrário, segundo a autora, a ideologia é nada mais que uma dissimulação do real e é através dela que nos é ensinado o contato com o mundo. Isto pode se referir a diversas narrativas criadas a respeito da realidade. Por exemplo, muitas pessoas crescem interiorizando conceitos que diriam a respeito da “essência” do que significa ser um homem e do que significa ser uma mulher. Assim, o homem seria sempre objetivo, racional e certo, enquanto a mulher seria subjetiva, emocional e confusa em sua forma de pensar e se expressar. Não é necessário se adentrar neste tema com demasia para perceber quem é que se beneficia com esta narrativa.

É da ideologia que surge o discurso ideológico, criado para “engendrar uma lógica de identificação que unifique pensamento, linguagem e realidade para, através dessa lógica, obter a identificação de todos os sujeitos sociais com uma imagem particular e universalizada” (CHAUI, 2014, pg. 15). Podemos pensar, continuando o mesmo exemplo, na representação social da mulher cujas contestações, durante muitos anos, não foram ouvidas. Como, segundo tal ideologia, a mulher não tinha as mesmas características que o homem, também não teria acesso aos mesmos espaços e direitos que ele. Isto ainda não está ultrapassado, mas as contestações estão se manifestando de forma cada vez mais explícita.

Ainda, as ideias que surgem do discurso ideológico são tomadas como fora do lugar. Elas não parecem ter vindo de lugar algum, nem serem produtos de um momento histórico específico. São ideias tidas como universais e, portanto, inquestionáveis.

Por outro lado, o saber, para a autora, seria um “trabalho que é uma negação reflexionante, isto é, uma negação que, por sua própria força interna, transforma algo que lhe é externo, resistente e opaco” (CHAUI, 2014, pg. 16). Assim, ele pode elevar uma situação de não-saber, sendo esta indeterminada, à determinação. No entanto, a eficácia da ideologia está justamente na negação do não-saber, contido na experiência com o mundo para, assim, obter o controle sobre os acontecimentos, instituir ideias que logo se tornam aceitas como conhecimento e, em última instância, negar toda e qualquer possibilidade de interrogação. É assim que, segundo a autora, se dá a dominação ideológica.

Da dominação surge o discurso competente, que, por ser instituído, é aceito como verdadeiro ou autorizado e que perdeu sua espacialidade e historicidade. Ele é altamente cientificista, ou seja, reprime o pensamento científico- já que ele é difícil de controlar a longo prazo- e introduz os especialistas. Assim, passa a haver especialistas para diversos aspectos da

vida, desautorizando a experiência direta com a realidade e restringindo a fala. É evidente que os especialistas que podem falar são apenas aqueles que condizem com o discurso competente. Segundo Chauí: “Não é qualquer um que pode dizer a qualquer outro qualquer coisa em qualquer lugar e em qualquer circunstância.” (CHAUI, 2014, pg. 19)

Isto pode parecer contraditório com o descrito acima a respeito de que, com o advento das redes sociais, qualquer um pode dizer qualquer coisa a respeito de qualquer tema, mesmo que não tenha conhecimento sobre ele (SILVEIRA et al, 2017). Há alguns pontos a desenvolver aqui. Chauí (2014) não se refere aqui ao especialista como o detentor da verdade, ao que deve ser atribuído credibilidade. De fato, o especialista não necessariamente sabe do que está falando e, parece-me, qualquer um pode se autodenominar especialista sobre um tema, ganhando, assim superioridade sobre os outros, não especialistas que, segundo ele, não sabem. Trata-se da produção de saberes vazios, destituídos do contato com a realidade. Será que, no âmbito atual das redes sociais, o público concede o status de especialista através de visualizações?

Longe de serem pessoas que sabem muito a respeito de um tema, os especialistas de Chauí (2014) parecem, em maior grau, ter a função de desautorizar o indivíduo de entrar em contato com a própria experiência. Novamente este é um ponto que pode parecer contraditório com os escritos de Silveira et al (2017). Poderíamos pensar aqui, que enquanto os usuários das redes sociais fazem as colocações que querem a respeito daquilo que eles escolhem, isto não significa que eles tenham necessariamente entrado em contato com as suas vivências reais e estejam relatando estas. Muito pelo contrário, aqueles que falam nas redes sociais muitas vezes colocam aquilo que vai lhes providenciar mais visualizações e, assim, mais dinheiro. Poderíamos chegar à conclusão de que ambas as formas de pensar trazem a mesma lógica.

Como explicitado acima, a pandemia sofreu grandes distorções, criadas entre outros pelo presidente Jair Bolsonaro a fim de gerar um discurso competente que apagasse a gravidade da pandemia e as mortes sofridas por conta das medidas que ele não quis tomar. Nesse contexto, o presidente procurou manter o funcionamento da economia, por mais que isso custasse vidas. Para tal, criou diversos discursos, nos quais grande parte da população acreditou.

Como exemplo podemos pensar no discurso a respeito do isolamento vertical. Logo no começo da pandemia, Bolsonaro defendeu que o isolamento social não seria necessário, já que, segundo um pequeno grupo de cientistas nos quais ele decidiu se apoiar, apenas parte da população seria afetada de forma grave por ele. Para ele, apenas idosos, diabéticos, cardíacos e pessoas com comprometimento pulmonar precisariam se isolar, enquanto o resto da população deveria continuar suas atividades normalmente. No entanto, o chamado isolamento vertical não é uma estratégia efetiva para prevenir a Covid-19 porque não são apenas as pessoas

citadas que ocuparam os leitos dos hospitais, como indicam as curvas de contágio e letalidade (SANCHES, 2020). Isto já era um fato conhecido quando Bolsonaro utilizou esse discurso.

O presidente também colocou em diversas ocasiões que o vírus apenas iria embora através da “imunização de rebanho” e seria por isso que o isolamento social seria ineficaz, apenas atrasando o efeito. Ainda, afirmou implícita e explicitamente que mortes por Covid-19 seriam inevitáveis e, por isso, não seria necessário tomar medidas contra a doença (CAMPOS, 2020). No entanto, pode-se constatar que, por conta da falta de prevenção contra a pandemia, liderada por ele, os índices de fatalidades por Sars-CoV-2 foram proporcionalmente maiores no Brasil do que na maioria dos outros países que tomaram medidas, concentrando-se no Brasil 12,6% das mortes mundiais em abril de 2021 (G1, 2021).

Em outras palavras, foi criado um discurso que favorecia os interesses políticos do governo de Bolsonaro. Este, por sua vez, está mais preocupado com a economia do que em prevenir mortes. Uma população que se viu sem escolha e teve que quebrar seu isolamento graças à ideologia instituída pelo presidente foi a das camadas mais vulneráveis, ou seja, justamente a população que por questões de situação de moradia e tipos de empregos precisaria necessariamente se deslocar de sua casa para trabalhar. Isto difere nas classes com maior poder aquisitivo que dispõem de mais infraestrutura para realizar aquilo que passou a ser chamado de *home office* e cujos empregos envolvem com maior frequência atividades que podem ser realizadas à distância. Ou seja, segundo a intenção ideológica de Jair Bolsonaro, as vidas que não importaram para a economia foram as vidas das camadas sociais mais vulneráveis e foram estas que ele desconsiderou e colocou em risco ao deixar de tomar medidas para combater o vírus e a pandemia. Este é um exemplo de vários que poderiam ter sido citados aqui.

2 FAKE NEWS: UM OLHAR HISTÓRICO

2.1 A desinformação fora do Brasil

Como visto a partir de Hannah Arendt, a desinformação em si não é um fenômeno novo. Trata-se de um problema que vem aparecendo há muito tempo, de uma forma ou outra, na história e na filosofia.

Por mais que o fenômeno discutido, em muitos momentos da história, não tenha sido chamado de desinformação ou de *fake news*, paralelos podem ser traçados no debate a respeito da verdade racional e da opinião. Platão mesmo já se ocupa de pensar a respeito disso na analogia da caverna. Aquele que é forçado a se libertar de sua vida da caverna e a ir de encontro com o mundo das coisas inteligíveis entra em estreito contato com a verdade. Ele volta para a caverna, a fim de mostrar às outras almas que aquilo que eles veem, e sobre o que tanto discutem, são apenas sombras. Isto causa tanta resistência e incômodo que, no final, aquele que está tentando lhes mostrar o caminho para a liberdade é morto (PLATÃO, 2000). Arendt (2018) postula que as almas na caverna se encontram no âmbito da cidade e, assim, da política, à qual a verdade não pertence intrinsecamente, como visto acima. A tentativa de introdução da verdade põe em jogo as sombras, ou seja, tudo aquilo que as almas na caverna conhecem, aquilo a respeito do qual vêm formulando suas opiniões e que faz parte do âmbito da cidade. Ou seja, o que está em jogo é a sobrevivência da própria cidade e, em nome da sobrevivência dela, a ausência da verdade é aceitável, ou ainda, desejada. Pois é a opinião formulada no contexto político, e não a verdade, que é base de todo poder (ARENDR, 2018). Assim, podemos pensar que a verdade e seu papel na política já eram tematizados até na época da Ágora.

No entanto, segundo Arendt (2018), há uma diferença importante no problema encontrado na analogia da caverna para com o problema da desinformação atual. Platão está criticando a ignorância. Já ao falarmos de desinformação criticamos a mentira. Arendt aponta que a mentira não foi considerada uma ofensa séria até o ascenso da moralidade puritana, em que surgiu a ciência organizada como solo firme da absoluta veracidade. É apenas a partir desse momento que as mentiras constituem ofensas sérias e, mais tarde, surge a mentira organizada.

Também na Roma Antiga existiram episódios de desinformação. Por exemplo, durante o segundo triunvirato, Otávio criou propagandas contra Marco Antônio. Slogans curtos e precisos foram elaborados pelo primeiro sugerindo que Marco Antônio era manipulado por Cleópatra, se vendo corrompido pela relação que tinha com ela. Isto contribuiu para a coroação

de Otávio, mais tarde chamado de Augusto, como imperador romano (POSETTI; MATTHEWS, 2018).

Por mais que alguns exemplos de desinformação tenham tido sucesso, não tinham sido inventadas, ainda, formas de espalhá-la rapidamente. Foi apenas em 1450 que a imprensa foi inventada por Gutenberg e, a partir daí, a propagação de informações falsas ganhou força (POSETTI; MATTHEWS, 2018).

Mesmo assim, a primeira notícia falsa que se espalhou pelo mundo foi publicada apenas em 1835 pelo jornal estadunidense, *The Sun*, afirmando que tinham sido avistados, através de um telescópio especialmente bom, seres humanos na lua (BOESE, 2015). A notícia se espalhou pelo mundo e, quando se tornou conhecida a sua falsidade, foi denominada “A Grande Mentira da Lua”. Este acontecimento é de especial importância porque foi a primeira vez que uma notícia foi reconhecida como verdadeira em diversos países e posteriormente desmentida.

Segundo o jornal alemão *Die Zeit*, foi comum escutar, após a Primeira Guerra Mundial, que a primeira vítima da guerra teria sido a verdade (WERNER, 2017). De fato, a guerra se baseou em mentiras espalhadas pelas partes nela envolvidas e estas mentiras foram adotadas pela população. Por exemplo, em outubro de 1914, o manifesto chamado “Para o mundo cultural!” (tradução livre do alemão, *An die Kulturwelt!*) foi assinado por diversos intelectuais alemães, como Gerhart Hauptmann, Max Liebermann e Max Planck, e afirmava que a guerra teria sido forçada na Alemanha, negando o massacre em massa causado pelos alemães na Bélgica (WERNER, 2017). É durante a Primeira Guerra Mundial que surge a mentira enquanto acusação que desqualifica o inimigo e que tira o foco dos países que acusam os outros de mentiras.

Foi também no século XX que surgiram, com a invenção do rádio e da televisão, formas de comunicação em massa, inaugurando a comunicação de um para muitos (POSETTI; MATTHEWS, 2018). Assim, o espalhamento de desinformação se tornou ainda mais fácil.

O primeiro que se aproveitou disso para espalhar propaganda e notícias falsas foi Adolf Hitler que, através primeiro do rádio e depois da televisão, se dirigia à população alemã durante a Segunda Guerra Mundial. De forma ainda mais acentuada do que a Primeira Guerra, esta também se viu permeada por mentiras desde o seu início. Em 1o de setembro de 1939 foi transmitido pelo rádio um suposto ataque polonês a uma estação de rádio alemã em Gleiwitz (WDR, 2016). No entanto, se tratava de uma encenação, criada pela Alemanha a fim de gerar um pretexto para começar a guerra. De fato, os alemães acreditaram estar sob ataque e reconheceram na mentira uma necessidade de se defender. Assim, a Segunda Guerra começou.

Outro acontecimento relevante foi a propaganda praticada pelo governo sul-africano no final do século XX, a fim de justificar o *apartheid* em seu país. A ideia era convencer o mundo de que nada de errado estava sendo feito, o que chegou a funcionar durante algumas décadas. Entre outros, foram divulgadas notícias alegando que os negros tinham chegado na África do Sul apenas depois dos ingleses e dos holandeses, que os negros na África do Sul tinham mais liberdade do que em qualquer outro lugar no continente e que a *apartheid* se definia por leis que passavam, antes de serem aplicadas, por um processo democrático que incluía também os próprios negros. Isto foi exposto e criticado pela UNESCO em 1977 (UNESCO, 1977).

Com o final do século XX chegou também a internet e, com o começo do século XXI, a invenção das redes sociais. Isto significa que, hoje em dia, estamos inseridos numa forma de comunicação que é de muitos para muitos, ou seja, estamos vivendo um mundo no qual o risco de espalhamento das mentiras vem aumentando (POSETTI; MATTHEWS, 2018). Existe uma série de exemplos que mostram a forma na qual isto se dá, como as notícias falsas publicadas durante a Guerra no Iraque entre 2003 e 2011, a Guerra Civil na Síria em 2011 e a guerra entre a Rússia e a Ucrânia em 2014 (ibidem).

No entanto, a interferência das notícias falsas nos processos sociais e democráticos ficou evidente no ano 2016 com as eleições presidenciais nos EUA e nas Filipinas e a saída da Inglaterra da União Europeia, o Brexit. Foi neste ano, também, que se cunhou o termo *fake news*, enquanto aquilo que ele é hoje em dia.

Durante e dias depois da eleição de Donald Trump como presidente, foram divulgadas por meio da plataforma *Twitter*, proporções iguais de Fake News e notícias verdadeiras e, ainda, foi apontado que operadores russos teriam criado perfis americanos falsos para fazer propaganda contra Hillary Clinton, a candidata da oposição, através de chamados *Twitter bots*, robôs do *Twitter* (COLLINS, 2017; BERNIDO, 2022). Mais especificamente, estava sendo divulgada a notícia de que a mesma tinha estado envolvida num esquema de abuso infantil, supostamente baseado numa pizzeria (BBC TRENDING, 2016). Posteriormente, isto foi desmentido.

Similarmente, nas Filipinas foram divulgadas notícias contendo desinformação a respeito das eleições de 2016, visando a eleição de Rodrigo Duterte (RAPPLER, 2022). O budget do candidato para ganhar as eleições era menor do que o da oposição, motivo pelo qual decidiu recorrer à plataformas *Facebook* para a difusão de notícias falsas, além de pedir ajuda de voluntários e dos praticantes de trollagem online. Ele ganhou as eleições.

Finalmente, há evidências de que, durante o período do Brexit, havia no *Instagram* duas vezes o número de torcedores pela saída do país da União Europeia do que eles existiam na

realidade e que estes postavam cinco vezes mais do que a sua oposição (Referendum Analysis UK, 2016).

Tanto a eleição de Trump, quanto o Brexit, foram posteriormente atribuídos a Cambridge Analytica, empresa privada que se encontra atualmente fechada. Ela se viu envolvida no vazamento de dados pessoais de usuários do *Facebook* e na utilização desses dados para a manipulação com fins eleitorais. Também o próprio *Facebook* foi processado e teve que revisar suas condições de privacidade e a sua gestão dos dados dos usuários. (ELPAIS, 2018)

Podemos ver, assim, que Fake News é uma problemática antiga e internacional e que, com o avanço dos meios de comunicação e das redes sociais, a sua disseminação vêm se tornando cada vez mais frequente e incisiva nos processos sociais. Levando isto em conta, iremos nos atentar às particularidades das notícias falsas que surgiram no contexto que estamos pesquisando, o Brasil.

2.2 A desinformação no Brasil

Por mais que a problemática das *fake news* no Brasil tenha crescido durante a pandemia de 2020, isto não significa que seja um problema que surgiu com ela. A palavra *fake news* vinha sendo utilizada com frequência e, ainda, naturalizada desde 2016, como visto.

A mentira na política também não é no Brasil. Trata-se de algo que acontece há muito tempo. Para dar um exemplo, podemos pensar na ditadura militar, decorrente do golpe militar de 1964, período durante o qual o “monopólio da verdade” foi amplamente disputado (TEÓFILO, 2018). Este conflito é evidente ao se olhar para as práticas de censura, o ocultamento e a manipulação de informações durante a ditadura e, ainda, para a própria Comissão Nacional da Verdade, que buscou retratar a ditadura como um evento favorável, ou ainda, venerável e positivo, além de condenar aqueles que se opusessem.

No entanto, as pesquisas começam a falar em “*fake news*” no Brasil apenas a partir de 2016, ano em que aconteceu o impeachment de Dilma Rousseff (PIAI, 2018). Nesse ano a presidenta teve de deixar o seu cargo, depois que o Senado Federal a expulsou. No entanto, em seu artigo, Piai (2018) reúne evidências de que se tratava de uma estratégia por parte de grupos políticos conservadores, para conseguir encerrar a Lava Jato, processo de investigação de corrupção, antes de que esta começasse a investigar a respeito deles mesmos. Uma das estratégias adaptadas para conseguir retirar a presidenta do cargo foi o espalhamento de *fake news*, com a finalidade de tingir a imagem de Rousseff e gerar dúvida a respeito de sua

capacidade de governar o país. Torna-se necessário apontar, também, que grande parte das notícias falsas divulgadas na época foram de cunho machista (SILVA; SAMPAIO, 2017). Ainda, uma pesquisa apontou que três das cinco maiores notícias que circularam no *Facebook* durante a semana em que Rousseff teve que deixar seu cargo eram *fake news* (SILVEIRA, SANCHOTENE; LAVARDA, 2017). Finalmente, numa pesquisa sobre a América Latina, Zavaró (2021), situa o impeachment de Dilma Rousseff junto a uma série de “golpes brandos” que vêm acontecendo na América Latina nos últimos anos.

Ainda no mesmo ano houve *fake news* divulgada a respeito de outro tópico: a febre amarela. Em 2016 o Ministério da Saúde começou a publicar informações a respeito de um surto de febre amarela, a fim de atentar a população para seus sintomas e prevenções. De forma paralela, *fake news* a respeito da febre amarela começaram a ser disseminadas, afirmando, entre outros, que se tratava de uma estratégia por parte da indústria farmacêutica para ganhar dinheiro ao vender a vacina (TEXEIRA, 2018). Não é difícil de compreender o quanto esse tipo de notícia pode ser perigoso à população que precisava se vacinar contra uma doença que causou mortes.

Em 14 de março de 2018, Marielle Franco, vereadora mulher, negra, antirracista e feminista, foi assassinada no Rio de Janeiro. Desta vez as *fake news* se propagaram depois do acontecimento e visaram desconstruir a imagem pública dela e distrair o olhar público da pergunta a respeito do autor do assassinato. Assim, Franco foi acusada de ter estado participando do crime organizado e de ter sido usuária de drogas (FERNANDES; OLIVEIRA; SANTOS JÚNIOR, 2020). A discussão, em alguns lugares da internet, começou a se modificar seu foco e julgar a vereadora, antes de discutir a problemática de sua morte, mais especificamente, as possíveis ligações do candidato à presidência, Jair Bolsonaro, com o assassinato.

Ainda em 2018 iriam acontecer as eleições para as quais Bolsonaro ainda era apenas candidato. No entanto, elas também se viram tingidas por *fake news*. Assim, um estudo que analisou as *fake news* divulgadas a respeito dos dois maiores candidatos de 2018, Jair Bolsonaro e Fernando Haddad, chegou à conclusão de que 87,5% delas beneficiavam Bolsonaro, sendo a maioria destas notícias declarações falsas de apoio (FERREIRA; ALCANTARA, 2020). Logo depois disso, o candidato se tornou presidente. É assim que chegamos à pandemia da Covid-19, que aconteceu durante seu mandato.

Podemos, então, chegar à conclusão de que também no contexto brasileiro as *fake news* não constituem um fenômeno novo. Elas já existem há tempos e impactam a política do país,

beneficiando certos partidos políticos. Com isso, podemos nos atentar à pesquisa realizada aqui, a seguir, através do objetivo dela.

3 OBJETIVO GERAL

O objetivo desta pesquisa não é fazer julgamentos morais ou decidir qual dos discursos analisados está certo ou errado, mas descrever duas vivências diferentes a respeito dos mesmos fenômenos e compreender qual é a relação destas vivências com a sociedade na qual estão inseridas.

Assim, visa-se compreender os fenômenos *fake news* e pandemia e contextualizar a pandemia da Covid-19. Foram escolhidas as *fake news* como foco da pesquisa porque elas estão sujeitas a diversas interpretações, carregadas com diversos sentidos e mais facilmente podem levar a fenômenos adjacentes: a vivência individual da sociedade, da política e da verdade. A pandemia será investigada neste contexto porque é um acontecimento que atingiu a sociedade de forma transversal e que foi vivido por todos de forma coletiva.

4 OBJETIVO ESPECÍFICO

Mais especificamente, esta pesquisa visa descrever e analisar duas vivências que se baseiam em visões diferentes a respeito daquilo que é *fake news* no contexto da pandemia da Covid-19 e, para isso, a relevância da fenomenologia como método de descrição e compreensão.

5 MÉTODO

Na presente pesquisa foi possível investigar o fenômeno *fake news* durante a pandemia da Covid-19, a partir de entrevistas reflexivas, individuais e de cunho qualitativo, com dois participantes que evidenciaram visões distintas a respeito do tema.

5.1 Princípios

A investigação aqui realizada é de cunho fenomenológico. Isto significa que ela busca compreender um fenômeno.

Podemos definir fenômeno como aquilo que se desvela, aquilo que aparece (ZAHAVI, 2019). Isto não significa, no entanto, que há algo oculto por trás daquilo que aparece. O que aparece é o fenômeno em si e este aparecimento depende da consciência para a qual o fenômeno se desvela.

Desta maneira, não se opera num paradigma de dois mundos, no qual aquilo que aparece para alguém é apenas aparente e subjetivo. A consciência não pode existir sem aquilo para qual ela é consciência e o fenômeno pode aparecer apenas para uma consciência. Esta correlação entre consciência e fenômeno é o que Husserl denomina de intencionalidade (ZAHAVI, 2019). Não se trata de um ato de subjetividade, já que é apenas através deste aparecimento que o fenômeno se desvela, o que significa que o ato de se desvelar diz a respeito tanto dele quanto da consciência que o apreende.

Para que o fenômeno apareça durante as entrevistas, é necessário um afastamento de pressupostos teóricos e explicativos que operam num paradigma de causalidade. Não existe algo oculto que causa uma ou outra impressão em diferentes pessoas, que se vê turvado dependendo das circunstâncias. Trata-se de diferentes formas de aparecer do fenômeno para diferentes pessoas.

Assim, a fenomenologia visa compreender a vivência do participante. Isto pressupõe deixar atrás toda e qualquer preconcepção a respeito do fenômeno. Podemos pensar aqui no conceito de voltar “às coisas mesmas”, introduzido inicialmente por Edmund Husserl. Trata-se de uma forma de apreender o fenômeno do jeito que ele se apresenta. Isto implica deixar de lado momentaneamente os pressupostos metafísicos ou científicos a respeito dele e captá-lo livre destes. Segundo Zahavi (2003):

“A nossa investigação deveria ser crítica e não-dogmática, evitando preconceitos metafísicos e científicos. Deveria ser guiada por aquilo que de fato é

... dado, ao invés de pelo que esperamos achar, tendo em vista os nossos dados teóricos. (...) Nossa investigação deveria dar atenção para aquilo que é dado ou para a aparição da realidade, ou seja, deveria se focar na maneira na qual a realidade se dá para nós na experiência. Não deveríamos, em outras palavras, deixar que teorias preconcebidas formem a nossa experiência, mas deixar nossa experiência determinar nossas teorias.” (pg. 44-45, tradução livre)

No entanto, isto não implica que o pesquisador não esteja também colocado. Como explicado antes, o objeto sempre aparece para alguém e, portanto, este faz parte do ato de aparecer. Ignorar a presença da entrevistadora na entrevista seria perigoso, já que significaria tratar suas percepções como fatos absolutamente neutros e incontestáveis. Segundo Szymanski e Szymanski (2021):

“(...) os fenômenos são situados, vividos e percebidos de modos particulares; assim, na pesquisa de base fenomenológica, é fundamental a consciência de que como pesquisadora/pesquisador, você está necessariamente vivenciando o processo a partir de uma perspectiva.” (pg. 4)

Trazendo a definição para esta pesquisa, torna-se necessário escutar a vivência dos entrevistados do jeito que eles a contam. Entre outros, deve-se suspender momentaneamente qualquer julgamento a respeito daquilo que a entrevistadora pode, ou não, achar que é *fake news*. No entanto, as impressões contribuem também à pesquisa.

Por parte da pesquisadora é necessária uma abertura para o novo e diferente (SZYMANSKI; SZYMANSKI, 2021). Ou ainda, ela deve permanecer aberta para aquilo que não se esperava escutar. Visa-se praticar interesse pela estranheza, por aquilo que é inesperado, a fim de compreender a vivência daquele que se coloca. É por isso que não há uma hipótese a ser confirmada.

O método fenomenológico, como introduzido por Heidegger, é o “caminho que leva a algo” (SZYMANSKI; SZYMANSKI, 2021). Assim, ele será levado tanto como um caminho a ser seguido, quanto também como o envolvimento de ambas as pessoas presentes nas entrevistas.

5.2 Apreciação pelo comitê de ética

A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética com o CAAE 54214521.8.00005482 em 31 de março de 2022.

5.3 Participantes

Os participantes foram escolhidos seguindo o conceito da “amostra intencional” proposto por Thiollent (1986). Para o autor, é necessário escolher, no caso de certas pesquisas, alguns poucos participantes que possam dar posicionamentos qualificados a respeito daquilo que se visa investigar. Assim, uma pesquisa com poucos participantes, compreendidos em profundidade, pode ser, nesses casos, mais valiosa do que uma pesquisa que engloba uma amostra quantitativamente maior.

A presente pesquisa investiga a respeito das múltiplas vivências da verdade relacionadas às *fake news* divulgadas durante a pandemia da Covid-19. Esta pandemia foi uma vivência coletiva a nível mundial. No entanto, nos limitaremos a pesquisar a respeito da sociedade brasileira. Assim, quaisquer participantes que tenham vivido tal pandemia e entrado em contato com as *fake news* são elegíveis enquanto entrevistados. O único requisito é que eles tenham vivências distintas a respeito do tema colocado.

Dessa maneira, foram escolhidos dois entrevistados que apresentaram opiniões distintas a respeito daquilo que as *fake news* são e da pandemia da Covid-19, seja a respeito da existência da doença e de suas características e origens, quanto a respeito do seu tratamento ou da vacina.

5.4 Formato das entrevistas

As entrevistas foram realizadas em formato online, dada a pandemia da Covid-19. Ambos entrevistados foram consultados a respeito de qual plataforma preferiam. Assim, uma das entrevistas foi realizada pelo Whatsapp Video e a outra pelo Google Meets e Whatsapp Video. Isto porque o Google Meets apresentou problemas, momento no qual a entrevista foi retomada através do Whatsapp.

5.5 A entrevista reflexiva

O instrumento utilizado foi o da entrevista reflexiva, desenvolvida pelo grupo de pesquisa em Práticas Educativas e atenção Psicoeducacional à Família, Escola e a Comunidade

(ECOFAM). Trata-se de um método qualitativo, de diálogos semiabertos, com a finalidade de providenciar um espaço para que os entrevistados possam se expressar livremente e levar a conversa até aspectos que não surgiriam, caso a entrevista fosse fechada, sem, no entanto, fugir do tema completamente e tocando sempre nos pontos principais da pesquisa. Entrevistas, sendo diálogos entre pesquisador(a) e entrevistada/o, pressupõem que alguém deseja conhecer a vivência de outro através da escuta. Segundo Szymanski e Szymanski (2021):

“Uma escuta que procura deixar de lado conhecimentos prévios que podem ou não se confirmar, que busca ter presente a existência do mundo e dos mundos que estão entre as pessoas, que está consciente das diferenças entre esses mundos, que está atenta a que grupos sociais a que as/os interlocutoras/ interlocutores pertencem, que considera que idade e sexo de quem está entrevistando são fatores que influenciam as respostas de quem é entrevistado. A escuta deve envolver respeito pelas pessoas entrevistadas e por seus saberes, desejo de compreender e de construir um conhecimento comum. Essas são condições propícias para um diálogo.” (p.g 8)

No entanto, as entrevistas realizadas foram entrevistas reflexivas, o que implica mais um elemento segundo as mesmas autoras:

“Refletir significa curvar-se novamente sobre o que foi dito, considerar o que a outra pessoa falou e tornar explícito o que foi compreendido. Para fazer isso, é necessário ter muita atenção e respeito para o que é dito.” (SZYMANSKI; SZYMANSKI, 2021, pg. 8)

Assim, definimos a pergunta desencadeadora da seguinte forma: O que é *Fake News* para você?

Foi feito um contato inicial com os entrevistados. Nele, foi apresentada a pesquisadora, a pesquisa e os procedimentos éticos (SZYMANSKI; SZYMANSKI, 2021). Em decorrência disto, os entrevistados receberam o termo de consentimento e livre esclarecimento que se encontra no Anexo A.

Durante a entrevista foi garantido um espaço de escuta e expressão livre dos pensamentos dos participantes. Foram feitas a eles diferentes tipos de perguntas, para assim poder “desvelar várias facetas do fenômeno que estudamos e ampliar nossa compreensão” (ibidem). Assim, houve perguntas de verificação de compreensão, de síntese do que os participantes disseram, de aprofundamento quando algum assunto de importância foi tocado

apenas superficialmente e de focalização quando o diálogo se afastou dos objetivos da pesquisa (ibidem).

Em decorrência da entrevista houve uma devolutiva. Nela, foi enviada aos entrevistados a transcrição da entrevista. Assim eles tiveram a chance de modificar sua fala, excluir partes dela ou adicionar narrativas.

O método descritivo empregado foi o fenomenológico. Dessa maneira, qual o material coletado foi, num primeiro momento, apresentado e descrito na sua estrutura significativa. O ato de descrever, como bem coloca Depraz (2011), significa

“(...) dizer aquilo que “vemos”, tentando ser *o mais completo possível*, ou seja, não negligenciar qualquer uma das facetas da coisa, do evento, da situação que se constitui o objeto da descrição; é também, dessa forma se esforçar em *não preencher* o propósito com traços generalizadores inventados, que não fazem parte da experiência efetiva do sujeito, os quais sabemos que ‘muito frequentemente’ são dados nesse ‘tipo’ de experiência.” (pg. 30, grifos da autora)

5.6 Constelações a partir de unidades de sentido

A análise das entrevistas foi feita a partir de unidades de sentido que formaram constelações. Segundo Szymanski e Szymanski (2021), constelações são agrupamentos de sentido que aparecem durante as entrevistas que podem ser compreendidas e analisadas em conjunto. Assim é possível melhor compreender o fenômeno estudado. A análise das falas foi elaborada através de tabelas, nas quais foram apresentadas de forma conjunta, para posterior análise, destacando apenas as que iriam ser utilizadas.

Entende-se ainda que cada vivência está inserida num contexto social, político e histórico, sendo que estes elementos influenciam e são influenciados pelo participante simultaneamente. É com base nisso que tudo aquilo que é pesquisado a respeito do particular, diz a respeito do coletivo, ao se encontrar nele inserido. Por isso, os achados das entrevistas foram pensados a partir do pensamento de Hannah Arendt e de Marilena Chauí, inserindo as narrativas e os significados coletados no contexto social e atual. Eles dizem a respeito do social e político, ou ainda, daquilo que é compartilhado em sociedade.

6 SENTIDOS DO QUE SE REVELOU: UMA VISADA SOBRE AS ENTREVISTAS

A seguir serão apresentadas as entrevistas realizadas, os sentidos a elas atribuídas e as constelações criadas a partir deles. As transcrições, assim como tabelas completas, encontram-se nos Anexos B, C, D e E.

Foram realizadas duas entrevistas, cada uma com um participante. Os participantes não serão citados pelos seus nomes reais e sim por nomes fictícios. Assim, temos M.O. (homem cisgênero, 68 anos) e L.A. (homem cisgênero, 29 anos).

As entrevistas tinham como objetivo compreender o que os entrevistados entendiam por *fake news*. Não havendo um questionário fixo, as conversas puderam caminhar para onde os participantes quisessem. Assim foi possível uma compreensão abrangente do lugar que as *fake news* ocupam para eles, dado que os fenômenos não são investigáveis da mesma forma e nas mesmas categorias para pessoas distintas. Em ambas entrevistas foi explicado, num primeiro momento, o intuito da pesquisa e, logo depois, colocada a pergunta disparadora: Nesse sentido, *o que é Fake News para você?*

Após transcrição das entrevistas, elas foram enviadas para os entrevistados, para que eles pudessem modificar o que precisassem. Isso foi especialmente importante para a entrevista de L.A., já que a sua gravação, por motivos relacionados à tecnologia e à internet, a transcrição tinha sido difícil. Assim, ele corrigiu e complementou as partes da transcrição que não tinham ficado coerentes.

As entrevistas foram analisadas a partir das unidades de sentido que nelas apareceram. Para melhor organizá-las foi feito, num primeiro momento o esquema a seguir:

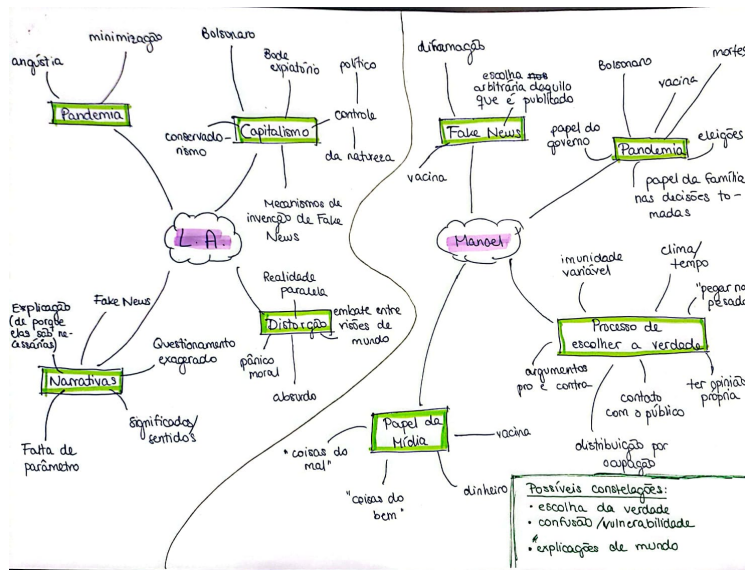


Figura 2: Primeiro esboço das unidades de sentido

(Fonte: Produção própria; o nome fictício “Manoel” depois foi mudado para “M.O.”)

A partir dele foram pensadas as constelações que seriam utilizadas. Chegou-se à conclusão que se trabalharia com duas constelações. Uma é Fake News e a outra Pandemia. O esquema foi modificado, como pode ser visto a seguir:

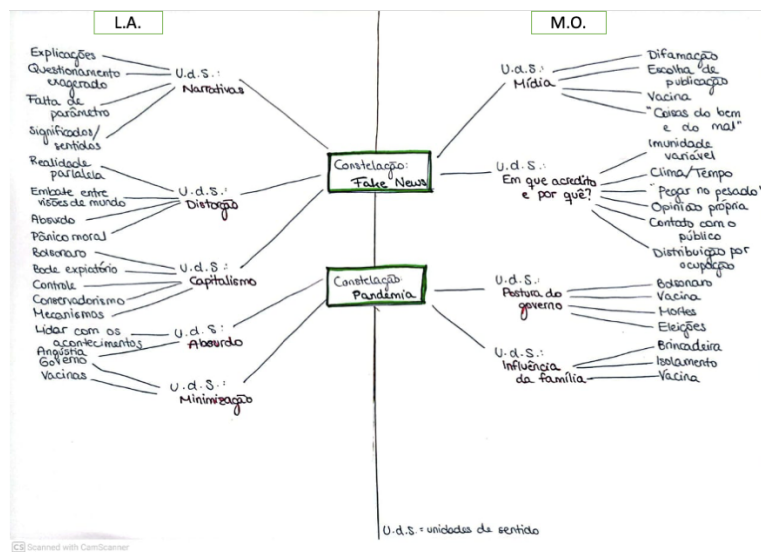


Figura 3: Organização das constelações e unidades de sentido

(Fonte: Produção própria)

Como pode ser visto na imagem, as duas constelações se juntam unidades de sentidos de ambas entrevistas. As unidades de sentido serão apresentadas com detalhe a seguir, ao falar de cada uma das entrevistas.

6.1 A entrevista com M.O.

Como descrito no método, foram criadas tabelas para melhor analisar as entrevistas realizadas. As tabelas continham seis colunas: Fala do Entrevistado, Interrogações de Sentido, Possíveis Respostas à Interpretação, Impressões, Unidades de Sentido e Constelações. Elas seguiram, assim, o modelo da Entrevista Reflexiva (FACHIM, SZYMANSKI; SZYMANSKI, 2019).

A seguir um exemplo de como a tabela de M.O. (68 anos) foi preenchida:

Tabela 1: Extrato da tabela de falas de M.O.

Fala do Entrevistado	Interrogações de sentido	Possíveis respostas à interpretação	Impressões	Unidades de sentido	Constelações
Então, não sei, eles lançaram dois ou três tipo de vacina lá, Pfizer e não sei como é que chama, três tipos de vacina. A de São Paulo diz que não era eficaz. (E ela era eficaz ou não?) Hum, eu já tomei. Eu acho que é. (...) Ah, do jeito que estava a situação, tão preocupante, eu falei qualquer coisa é eficaz.	Como é a relação dele com a vacina?	M.O. decidiu tomar a vacina, embora dúvidas a respeito de sua eficácia tivessem sido apresentadas a ele.	Parece ser algo que gera dúvidas ou não tem 100% de certeza, ao mesmo tempo ele decide tomar a vacina. O motivo não está muito claro.	Vacina Posicionamento	Pandemia
A minha mulher, minha filha mesmo, mandou eu vim pra chácara. (...) me trancaram aqui e não saí. Então é eficaz e eu tomei e não vi a hora de tomar. (...) Minha mulher muito preocupada, minha filha, então, nem se fala. Ela falou, “Pai, toma que é muito boa e todo mundo está tomando. Isso aí é um boato porque a universidade da USP é muito... Ela	A mulher e a filha são as que tomaram as decisões em relação a isolamento e vacina por ele? Por quais motivos ele tomou a vacina? Ele acredita na eficácia da vacina?	Parece-me que em parte sim. Ele se apropria da decisão, mas aparece também um sentimento de ter sido “trancado” ou que sua filha disse que precisava tomar a vacina. A justificativa que ele dá aqui é de confiança nos cientistas do Instituto Butantã.	Fiquei na dúvida, durante a entrevista, e por exemplo nesta parte, a respeito do que era opinião dele e o que era opinião dos outros, das quais ele se apropriou, mas muitas vezes sem ter certeza se era isso mesmo que ele acreditava ser verdade. A que a filha se referia quando	Isolamento Vacina Papel da família nas decisões	Pandemia

tem muito conceito, né?			dizia “isso aí é um boato”?		
-------------------------	--	--	-----------------------------	--	--

A partir da entrevista com ele foram identificadas unidades de sentido, ou seja, temas gerais que apareceram para ele e que continham significados relevantes para a pesquisa. Em seguida, foram analisadas as unidades de sentido a partir das constelações escolhidas, que englobam ambas entrevistas. No entanto, as quatro unidades de sentido encontradas na entrevista de M.O. estão listadas na seguinte tabela:

Tabela 2: Unidades de sentido e constelações na entrevista de M.O.

Unidade de sentido	Constelação
Mídia	Fake News
Em que acredito e por quê?	
Influência da Família	Pandemia
Postura do Governo	

A seguir, irei discorrer a respeito de cada uma delas.

6.1.1 Mídia

É através da ideia de mídia que ele discorre a respeito de notícias falsas e, também, fica aparente uma certa necessidade de decidir se ele confia ou não naquilo que é publicado. Assim, ela é tratada de forma ambígua, embora não necessariamente contraditória. Há momentos em que M.O. a coloca como autora de notícias que podem causar danos na sociedade e outros em que ela é o oposto.

Ele afirma, entre outros, que Fake News se relaciona com difamação, algo que pode “puxar o nível da pessoa, difamando a pessoa, deixando a pessoa sem respostas”, causando assim estragos na vida dela. Além disso, ele menciona, isto pode arruinar a vida da/o afetada/o e até levar à morte.

Mais tarde, M.O. diz que, quando teve de decidir se iria tomar a vacina contra a Covid-19, acreditou, entre outros, na mídia e se vacinou:

“... acreditei também, como fala, acreditei na mídia também, né? Estava uma controvérsia entre mídia

e o que é verdade, o que é, o que é errado, eu acreditei no que é certo.”

Ao perguntar o que significa acreditar “no que é certo”, menciona o Instituto Butantã, que desenvolveu uma das vacinas, e que, segundo ele, não iria prejudicar a população, já que se trata de uma instituição composta por pessoas responsáveis.

Mais tarde a mídia volta a aparecer como órgão que esconde informações à população ou não publica o suficiente sobre certas coisas. Ele diz que as pessoas que realizam trabalhos “mais pesados” não pegam o vírus SARS-CoV-2 e diz que isso é algo que “a mídia não fala”. Em momento posterior ele retoma isso e diz que a mídia apenas fala das mortes – “coisas do mal” - e não das pessoas que não desenvolvem Covid-19 – “coisas do bem”. O motivo disso, segundo ele, é que o governo paga a mídia apenas pelas notícias que ela divulga a respeito de mortes e vacinas. Diz que gostaria de ver mais notícias sobre coisas do bem.

Também ressalta, na mesma fala, o papel que a mídia teve ao pressionar os governantes para a compra de equipamento necessários para combater o vírus e na exposição do ocultamento de dados a respeito da pandemia. M.O. relata aqui casos em que ministros estiveram envolvidos em tal ocultamento e cita também os filhos de Bolsonaro, ao mencionar que foram divulgadas notícias falsas.

Finalmente, M.O. diz que a Rede Globo, enquanto imprensa, é a única que tem a coragem de dizer a verdade e que as outras têm medo de perder investimentos ou “perder a boquinha” ao dizer certas coisas. Segundo ele, “a Globo, ela não se vende”. Assim, se torna mais evidente que há imprensas nas quais ele confia e outras nas quais não, o que pode explicar o papel ambivalente que a mídia tem para ele.

Podemos chegar à conclusão de que para M.O. a mídia teve duas funções na pandemia. Uma foi o de ocultar fatos e divulgar notícias falsas. A outra foi o oposto, justamente de tornar aparente acontecimentos e de pressionar aqueles que estão no poder para atuarem em cima daquilo que eles estavam ocultando. O que é divulgado, ou não, decorre de uma escolha que, em grande parte, tem como sua base decisiva o fluxo de dinheiro que irá se desenrolar ao divulgar uma notícia ou outra.

Pensando na pergunta disparadora - *O que é Fake News para você?* -, este tópico evidencia que M.O. afirma que a mídia tem um papel no espalhamento de notícias, sejam elas verdadeiras ou falsas e que, ainda, estas notícias podem ter um impacto na sociedade. Ele mostra incômodos a respeito dela, ao mencionar a difamação e a falta que ele sente de que ela discorra também a respeito daquelas pessoas que não se contagiam com SARS-CoV-2, ao

mesmo tempo que elogia o ato de pressionar o governo por equipamentos de segurança contra a Covid-19.

6.1.2 Postura do governo

M.O. identifica o governo do Brasil como uma causa do ocultamento de informações, elabora diversas falas a respeito dele e sua forma de lidar com a pandemia. De forma geral, elas são críticas a ele.

Assim, ele menciona o presidente e sua declaração de que a Covid-19 é apenas uma “gripezinha”, ao que M.O. discorda. Ele também ressalta o papel do presidente enquanto fonte na qual a população acredita e o perigo disto, dado que, mesmo após todas as mortes que teve, Bolsonaro “não dava o braço a torcer”: “o presidente foi infeliz nessa colocação né? Foi vaiado demais e até hoje ele vai responder sobre isso.” Também menciona que Bolsonaro retirou os ministros que não faziam o que ele queria em relação à pandemia e deixa implícito que foi por conta do governo que a vacina demorou para chegar no Brasil.

Além disso, M.O. traz um escândalo que envolve o filho de Bolsonaro, mas não explicita do que se trata. No entanto, diz que a mídia deixou de falar destes acontecimentos por conta das eleições que estão chegando.

De forma geral, M.O. se posiciona toma uma posição crítica em suas colocações a respeito do governo do Brasil, principalmente do presidente, que ele reconhece como alguém que impôs a sua própria verdade, embora ela não fosse condizente com a realidade, e que é alguém que tem o poder de influir nas opiniões da população.

Assim, pensando nas *fake news* durante a pandemia, podemos concluir que um dos autores delas, para M.O., é o presidente da república. As notícias falsas, espalhadas até por Bolsonaro, podem criar insegurança a respeito daquilo que é verdadeiro para a população. Fica a dúvida sobre como M.O. decide, frente a isto, em que acreditar. É sobre isso que será o próximo tópico.

6.1.3 Em que acredito e por quê?

Se a mídia tem um papel ambíguo, ou seja, às vezes é credível e às vezes não, e se o governo é ativamente responsável pelo espalhamento de Fake News, então é necessário selecionar em que é que se acredita. Assim, a entrevista com M.O. oferece uma compreensão elaborada a respeito daquilo que ele aceita como verdadeiro. Isso foi de interesse para a presente pesquisa, já que ele discorre sobre os motivos pelos quais acredita em uma coisa, e

não em outra, e os pontos que ele percebe como importantes para pensar no espalhamento do vírus.

Um dos motivos que o fizeram decidir por tomar a vacina e se isolar foi a imposição de sua família. Limito-me apenas a mencionar isto aqui, dado que a família ocupará um tópico próprio mais para a frente, mas basta dizer que ela teve um papel importante no processo de tomada de decisões dele.

Sobre a vacina em si, M.O. diz ter tomado a da marca ButanVac, desenvolvida pelo Instituto Butantã. Ele coloca que acredita que instituição é séria e justifica sua impressão pela sua familiaridade com ela: M.O. mora perto do Instituto Butantã. Também diz que dinheiro foi investido na criação da vacina e que, se ela não funcionasse, a imagem do governador seria prejudicada, motivo pelo qual ele acredita na vacina.

Em outro momento da entrevista, M.O. estabelece uma relação entre a Covid-19 e a mudança de tempo, ao levantar a hipótese de que os casos de Covid-19 aumentam quando faz frio. Ele acrescenta que o Brasil é um país no qual as pessoas não estão acostumadas ao frio e, por isso, a imunidade da população se vê prejudicada no inverno.

Também diz que a imunidade de cada um é distinta e que isso significa que alguns contraem a doença e outros não. Para ele, há pessoas que não precisam de vacina. Como exemplo, ele menciona a mãe dele, que, segundo ele, não precisa da vacina contra a gripe, já que ela não desenvolve essa doença.

Outro aspecto que, segundo M.O., tem influência sobre a propagação do vírus é o tipo de trabalho que a pessoa em questão exerce diariamente. Ele conta que reformou sua casa durante a pandemia e conviveu com os trabalhadores da construção. Diz que nenhum deles contraiu Covid-19. Sua teoria é que as pessoas que, como ele nomeia, “pegam no pesado”, ou seja, levantam peso, não se contagiam. Por outro lado, segundo ele, aqueles que trabalham sentados e/ou sem levantar peso, não têm a mesma imunidade e conseguem ser afetados pelo vírus:

“Quem trabalha pesado, tem a resistência, é maior, né? Eles comem rápido, vai trabalhar, ele pega no pesado, ele soa a camisa, enfim, ele tá ali frio, ele já tá acostumado no frio, na chuva. E às vezes eles nem se cuidam. Não passa protetor, não se cuidam. Só que a saúde deles é melhor do que quem trabalha no escritório.”

E ainda:

“...são pessoas que se alimentam mal. Não têm tempo e estão já acostumado, desde jovem trabalhava pesado, né? Ou ficavam debaixo do frio. Fica às vezes com o corpo molhado e não pega nenhuma gripe. E quando pega alguma gripe, toma um remédio e já sara. Não se entrega a uma cama, não vai no médico, não toma injeção, às vezes toma qualquer chazinho de erva, lá, sarou. E nós com chá de erva e não sara. É medicamento, tem que ser médico, tem que ser com injeção. Eu acho isso meio estranho, mas... É uma coisa que eles não comentam na mídia, né? Não comentam. Médicos que trabalham, pegam pesado, mas pegam, trabalham. Oito, um, dez horas para salvar vidas. Mas quantos não morreram? Quantas enfermeiras não morreram? Mas é diferente do que você pegar no pesado.”

Assim, parece que o “pegar no pesado” se expande para além da definição inicial que ele dá e abrange um estilo de vida que ele descreve, como visto acima, para os trabalhadores de construção. Pegar no pesado parece significar, para ele, não cuidar do próprio corpo, remetendo a uma lógica de que quem se cuida demais, não desenvolve uma boa imunidade.

Ao ser perguntado a respeito de outros tipos de trabalho que “pegam no pesado”, M.O. menciona lixeiros e empregados domésticos. O último, para ele, é um trabalho que previne a Covid-19, já que, segundo o que ele mesmo observa, às vezes “o patrão pega e a empregada não pega”.

A respeito do corpo de bombeiros e dos trabalhadores de supermercado, diz que eles tiveram Covid-19 porque entraram em contato com o público, algo que os trabalhadores da construção não fazem. Ele traça esse paralelo a partir do que ele observa em seu condomínio.

Em contraponto, ele afirma que ele mesmo, que não “pega no pesado”, fica doente facilmente e sente seu corpo pesado e dolorido. Ainda conta da perda de um amigo que teria sido cauteloso com a Covid-19 e que, mesmo tomando diversos cuidados como o uso de máscara e a lavagem constante das mãos, teria contraído a doença e falecido.

Assim, podemos compreender que M.O. se vacinou, mas não acredita que todas as pessoas sejam passíveis de serem contagiadas pelo vírus. Para ele, isto depende da “resistência” de cada um, fator que é influenciado também pelas condições de trabalho, pelo contato com o público e com o clima. Ele mesmo se classifica entre as pessoas que precisam da vacina. Ainda, coloca que ele gostaria de ver pesquisas a respeito dos pontos que ele levanta, já que, segundo ele, não os há e a mídia, como colocado no item anterior, “não fala disso”.

No final da entrevista, ele diz:

“É, talvez, a pessoa tem que ter mais cautela sobre esse *fake news*, né? Com mais cuidado e não acreditar muito sobre.. tem que ter o seu conhecimento por dentro também. Que fala. Eu vou por dentro. Olha eu preciso. Coisa séria. Está acontecendo isso com amigos, parente. Você tem que ter a sua opinião própria também.”

Assim, M.O. ressalta a importância da opinião própria. Como visto, ele cria sua própria opinião, entre outros, através de suas vivências e percepções cotidianas, estabelecendo, a partir delas, hipóteses. Também sua decisão de tomar a vacina e acreditar na sua eficácia se dá a partir de um sentimento de familiaridade, o que pressupõe implicação pessoal na sua decisão.

Adicionalmente, ele traz argumentos de ordem lógica, como ilustrado a seguir: Se a vacina não fosse eficaz, o governador se veria prejudicado em sua imagem. O governador não investiria dinheiro em algo que pudesse prejudicar sua imagem. Portanto, a vacina é eficaz.

Por último, M.O. menciona o envolvimento de sua família no que diz respeito a decisões, como a tomada da vacina e o isolamento. Discorrerei mais sobre isso no item a seguir.

6.1.4 Influência da família

Escolhi retratar as falas sobre a família de M.O. num item a parte, embora isto tenha aparecido em menor quantidade do que os outros tópicos, para conseguir me deter mais sobre ele.

Durante a entrevista, M.O. conta que diversas decisões que ele tomou a respeito da pandemia foram influenciadas pela família dele. Por exemplo, ele menciona que tomou a vacina após a filha o convencer de que os argumentos contra a vacina não eram verdadeiros.

A respeito do isolamento, ele conta da seguinte maneira que ele e sua família se isolaram numa chácara: “... me trancaram aqui”. Assim, por mais que ele se coloque como concordante com a posição de sua família, está implícito que, num primeiro momento, ele pode ter tido receios e que foi preciso convencê-lo. É especialmente quando pergunto se ele vai tomar a próxima vacina que isto fica evidente:

“Eu até falei brincando com a minha mulher que eu não ia tomar (a quarta dose), né? Que eu já tomei, já tomei três, né? ‘Não, vai tomar sim. Você tem mulher, você tem filhos. Nós queremos você vivo, não morto.’ E eu me senti um pouco mais assim, seguro, também por causa dessa vacina, embora não seja bem assim. Porque

mesmo quem toma a vacina, tipo três vacinas, está voltando pro hospital com covid.”

A família de M.O. parece ter um papel de convencimento a respeito das condutas adotadas contra o vírus e a pandemia. Se há convencimento, podemos pensar que pode haver dúvidas. Esta é, no entanto, uma hipótese, dado que M.O. não falou explicitamente sobre isso.

No entanto, foi possível compreender que, para ele, a verdade na pandemia se vê atravessada pela mídia, que pode atuar como ocultadora, mas também como explicitadora dos acontecimentos, e pelo governo que exerceu o papel de ocultar eles. Nesse sentido, ele se vê na necessidade de criar sua própria opinião a partir de deduções lógicas, dos argumentos apresentados por sua família e, especialmente, por vivências do seu próprio dia a dia.

6.2 A entrevista com L.A.

Como para M.O., foi criada uma tabela de unidades de sentido para a analisar a entrevista de L.A. A seguir, será colocado um extrato dela:

Tabela 3: Extrato da tabela de falas de L.A.

Fala do Entrevistado	Interrogações de sentido	Possíveis respostas à interpretação	Impressões	Unidades de sentido	Constelações
(...), mas eu acho que esse negócio da <i>fake news</i> e tal, criou um discurso social de “eu falo o que eu quiser, eu penso o que eu quiser”. Não tem mais assim, tipo, ahh, eu tenho argumentos para pensar se isso é real ou não. Não, eu pego qualquer notícia que eu concorde com ela. Não importa a fonte dela. Eu nem vou ver se essas notícias mentem. Então assim, cada um pode decidir se acredita no WhatsApp (...). Então assim, é a falta de diálogo como base da coisa, né? As pessoas não querem mais entender, elas não querem mais parâmetro, assim sabe? Elas não abarcam a discussão,	Quais foram as consequências das <i>fake news</i> no discurso social?	As Fake News criaram um discurso social de que qualquer pessoa pode opinar a respeito da pandemia, do jeito que achar melhor, e acreditar naquilo que acha que lhe faz sentido. Isto resulta numa falta de parâmetro.	Esta fala é muito importante.	Narrativas Distorção	<i>Fake News</i>

sabe? E isso acho que... para qualquer coisa mudar, precisa ter discussão. Precisa concordar em alguma coisa, assim né?					
Então assim, uma coisa que eu estava falando, assim, uma coisa é você ser crítico em relação a mídia, entendeu? Tipo, olha, de onde que é esse jornal? Se é um jornal do Sudeste, se é um jornal do Nordeste, se é um jornal financiado por certa empresa, se é um jornal que só notícia X ou tal, né? Você ser crítico em relação àquilo. Outra coisa é o que as pessoas falam, que parece que é viver numa conspiração, né? E tipo assim ó, os jornais os jornais são - os donos dos jornais é uma rede internacional de pedófilos esquerdistas que querem manipular realidades.	Questionamento pode ser exagerado?	Há questionamento exagerado que cria e espalha narrativas que fogem da realidade.		Narrativas	<i>Fake News</i>

(Fonte: Anexo E)

As unidades de sentido atribuídas à entrevista de L.A. estão listadas na tabela a seguir:

Tabela 4: Unidades de sentido na entrevista de L.A.

Unidades de sentido	Constelações
Absurdo	Pandemia

Minimização	
Narrativas	Fake News
Distorção	
Capitalismo	

Assim, há cinco unidades de sentido na entrevista de L.A. Elas serão consideradas uma a uma a seguir.

6.2.1 Distorção

Como descrito acima, a primeira pergunta feita aos entrevistados foi “O que é *fake news* para você?”. L.A. já define o que é *fake news* logo no começo:

Bom, o que é *fake news* pra mim? Acho que para além da questão de ser uma coisa que é, bom, mentira, né? Não é uma mentira qualquer. É uma mentira com fim político, né? É uma mentira pensada, mentira não só mentira no dia a dia, mas, assim, uma mentira elaborada por muitos políticos com interesses, geralmente, de virar o que a gente chama de gerar pânico moral, né? Em geral, não todas as Fake News que são voltadas para a questão do pânico moral, mas em geral elas são feitas para isso, né? Para causar um pânico mesmo na sociedade, geralmente tem esse fundo de tipo, de conspiração mesmo, assim né?

Como visto, ele relaciona *fake news* à mentira, mais especificamente uma mentira que parte de interesses políticos e visa gerar “pânico moral”. Mais tarde, ele relaciona o pânico moral à criação de medo. Ou seja, espalha-se medo através de uma mentira, o que favorece um grupo político. As mentiras, segundo ele, dispersadas através de narrativas, o que gera distorções. Isto poderá ser compreendido a seguir de forma mais expandida.

L.A. define *fake news* como uma mentira que distorce a realidade de forma a se distanciar cada vez mais dela e não deixar com que aqueles que acreditam nelas possam entrar em contato com ela. No entanto, a distorção se relaciona e aparece mais claramente através das outras unidades de sentido, tendo elas enquanto seus objetos.

6.2.2 Narrativas

L.A. fala de narrativas durante a maior parte da entrevista, quase como um fio guiador. Ele explica o que ele quer dizer por “narrativa” da seguinte forma:

“As pessoas precisam criar significados para compreender o mundo. E quando estão frente a coisas muito absurdas, né, como é o caso da pandemia, as pessoas precisam de algum significado para aquilo, né? E às vezes elas... eu acho que criar narrativas é criar um significado muito confortável, assim né? De onde a gente fala, o que está acontecendo? Ah, mas isso é o que tá acontecendo por conta de outros problemas que já existiam, então ela vai tipo... ela olha pro mundo criando essa narrativa e dando um significado pro mundo que resolve todos os problemas dela, quase mágica assim, né?”

Assim, para L.A., as narrativas são uma forma de dar significado ao que está acontecendo e ao mundo que se constitui em volta daquele que o percebe. Isto seria uma necessidade para todos, o de dar sentido àquilo que se está vivendo. Com as *fake news* no entanto, são criadas narrativas, como visto, mentirosas, que têm fins políticos e visam criar pânico. Elas deixam subentendido que há uma ameaça do “mal” que gera um maniqueísmo político:

“De ah, o mal-estar vencendo, nossas crianças, tem muitas crianças e nossas crianças estão sendo ameaçadas por vacina, por doutrinação, por ideologias, assim, e isso tem o fundo de alavancar, de gerar uma... como é que chama? Um maniqueísmo político mesmo, assim, bem contra o mal. O mal estaria propagando isso e aí o bem estaria denunciando isso, né?”

Ou seja, cria-se uma diferença entre o bem e o mal, assignando o bem aos autores das *fake news* e o mal a qualquer um que contradiga eles. Segundo L.A., muitas vezes as *fake news* têm um viés de conspiração, que gera medo, controlando assim melhor as pessoas que acreditam nelas. Dessa forma são criadas narrativas *fake* que oferecem sentidos aos seus destinatários. Estes sentidos não correspondem à realidade, mas satisfazem os que neles acreditam.

Aqueles que denunciam a verdade são inimigos dos criadores de *fake news*, os maus. Isto significa que eles precisam ser denunciados e muitas vezes são feitos bodes expiatórios, jogando-se neles a culpa sobre o mal, e distorcendo a realidade em medidas desatinadas:

“Tipo, ah, se tirar os esquerdistas, se tirar a população LGBT, e tal, vai resolver, sabe? A culpa são deles, assim. Só que eh mó absurdo né? Que chega num

nível que não, que a pessoa vai criando significados, mas que tem, que tá tão distante de uma base material, né? Tão distante de uma percepção primária, digamos assim, do mundo assim tal, que eu sinto que uma hora vai colapsar, vai expandir, assim, vai ficar sem sentido, uma hora vai só cair assim, né?”

Isto significa, para L.A., que o controle exercido sobre a realidade se vê ameaçado quando acontece uma “crise de verdade”, que não foi prevista, e aponta a mentira mais claramente. Nestes casos, diz ele, é preciso criar mentiras maiores que deem conta da incongruência gerada. É este o caso da pandemia, acontecimento mundial imprevisto e dificilmente aceitável.

Para o entrevistado a dificuldade de se deparar com a realidade comporta mais um fator, sendo este a sensação “que estamos no futuro”. Isto ele explica dizendo que se torna difícil de aceitar porque há um consenso de que as pandemias são do passado, do século anterior e elas não acontecem conosco, pessoas do século XXI.

A fim de compreender por que e por quem as *fake news* são divulgadas, é preciso introduzir uma nova unidade de sentido que L.A. traz: o capitalismo.

6.2.3 Capitalismo

Se as *fake news* são criadas, isto acontece por um motivo. Este L.A. localiza no capitalismo, sistema que já antes da pandemia gerava *fake news* para controlar as massas. Na pandemia, no entanto, torna-se necessário espalhar esse tipo de notícia para que o capitalismo possa se autopreservar:

“Aí, só que aí a pessoa olha pra aquilo e fala, não mas a gente tem que criar uma imagem boa do capitalismo, assim, a gente gosta do capitalismo, a gente tem que tipo a gente tem que achar e montar questões, e mesmo quando elas não estão melhorando, a gente tem que achar - esse é o problema do capitalismo- a gente tem que achar um bode expiatório e aí as pessoas olham para isso, assim, para a esquerda, para o comunismo, para... envolve o conservadorismo em relação a família tradicional, não é? Então população LGBTQIA + e aí volta em outras coisas mais conservadoras também, né, o racismo, o patriarcado assim, né?”

Para L.A. as *fake news* foram criadas durante a pandemia para preservar o funcionamento do capitalismo e culpar os esquerdistas e as minorias, como a população

LGBTQIA+, os negros e as mulheres. De forma mais concreta, L.A. denuncia o presidente, Bolsonaro, e seus seguidores. As mentiras criadas foram especialmente patentes, dado o tamanho da distorção entre elas e a realidade, num momento em que elas diziam a respeito de acontecimentos mundiais pertencentes ao âmbito da natureza. Isto porque, segundo L.A., os seres humanos não dominam a natureza e, com ela, também a ciência não pode ser controlada por narrativas criadas. Assim, suscita-se a necessidade de criar narrativas maiores e improváveis para manter a mentira previamente criada.

As mentiras espalhadas geram na sociedade a sensação de que cada um pode falar o que quiser a respeito de qualquer coisa, questionando a realidade de forma exagerada e instaurando assim suas próprias verdades. Isto faz com que não haja verdades em comum a respeito das quais possa haver diálogo. Como exemplo, L.A. conta de algumas pessoas que ficaram próximas dele durante o isolamento, que acreditaram em *fake news* a respeito da pandemia. Ele sentiu desespero ao não conseguir “ter esse mínimo de comunicação”.

Podem, desse jeito, ser criadas narrativas que se contradizem. Por exemplo, Jair Bolsonaro apoia primeiro os Estados Unidos e, quando convêm, favorece a Rússia. Dessa forma, diz o entrevistado, ele define os seus inimigos como qualquer um que o contradiga, apontando diversas personagens e populações como seus adversários e “acaba sendo uma coisa paranoica”.

6.2.4 Minimização

É preciso nos debruçarmos, no entanto, qual é exatamente o conteúdo a *fake news* geradas pelo governo de Bolsonaro. Para L.A., o objetivo é minimizar a pandemia e “não fazer coisas absurdamente básicas”, deixando a população em descaso.

Um exemplo seria a vacina: O Brasil teve a chance de ser um dos primeiros países a receber a vacina, mas o governo não se ocupou de garantir isso. Assim, a vacina demorou para chegar e deixou de evitar mortes que não precisariam ter acontecido. Outro exemplo que L.A. dá é a falta de estimulação para que a população faça uso de máscaras.

6.2.5 Absurdo

Uma palavra que L.A. repete durante a entrevista é “absurdo”. É necessário pensar, assim, o que ela significa para ele. A fala em que isso acontece de forma mais enfática é:

“Então eu acho que isso tudo é uma situação muito absurda, e olhando pra trás, sabe, é muito absurdo, essa situação que as *fake news* criaram, uma narrativa

absurda, criaram alguns absurdos, né, gerou uns cenários absurdos, absurdos, absurdos, né?”

A palavra “absurdo”, no percorrer da entrevista, descreve o fato do governo ter deixado de tomar medidas para evitar as mortes, a própria perda de vidas, as narrativas criadas e as *fake news*. Poderíamos pensar que ela denuncia uma angústia frente à situação vivida. Podemos pensar nela enquanto oposto aos sentidos que ele reconhece que as *fake news* visam criar, dado que absurdo pode ser pensado enquanto destituído de sentido. Se os sentidos dados são mentiras, então as situações que delas decorrem não têm sentido.

Assim, após terem sido apresentadas as unidades de sentido de ambas entrevistas, iremos realizar a análise delas, agrupando-as em constelações. Assim, será possível analisar e discutir as ideias aqui apresentadas de uma forma contextualizada para a presente pesquisa.

7 SENTIDOS CONSTELADOS: *FAKE NEWS* E PANDEMIA

Os sentidos apresentados no título anterior serviram para pensar constelações que ajudaram a analisar e discutir os achados à luz daquilo que a pesquisa visa compreender: a vivência das *fake news* durante a pandemia.

As vivências dos fenômenos que apareceram nas entrevistas são distintas e específicas para cada participante. Cada um tem um ponto de vista, uma perspectiva, que se expressa através de sua entrevista. Podemos pensar isso a partir dos escritos de Husserl, descritos no Método, em que, a partir da intencionalidade, cada fenômeno aparece para uma consciência específica, tendo como ponto de partida uma faceta dele mesmo. No entanto, é essa a única forma que o fenômeno tem para aparecer e é partir deste conceito que podemos utilizar as falas dos entrevistados para pensarmos algumas possibilidades de ser dos fenômenos. Estas falas não nascem de indivíduos isolados que chegam a elas de forma isolada. Elas são contextualizadas num momento histórico e numa sociedade específica, na sociedade brasileira, que viveu e está vivendo uma pandemia. Assim, é também importante analisá-las sob um olhar social e histórico. Logo, as entrevistas explicitaram formas de aparecimento dos fenômenos investigados que se relacionam ao olhar de cada um dos entrevistados, sendo que este em si é simultaneamente expressão de sua relação com a sociedade brasileira atual. A seguir, temos uma tabela com as constelações formadas:

Tabela 5: As constelações e seus sentidos

Constelação	Unidade de sentido
Fake News	Mídia
	Em que acredito e por quê?
	Narrativas
	Distorção
	Capitalismo
Pandemia	Postura do governo
	Influência da família
	Minimização
	Absurdo

As constelações que serão analisadas foram escolhidas a partir daquilo que apareceu nas entrevistas, além de levarem em conta o propósito da presente pesquisa. Assim, as constelações analisadas são duas: *Fake News* e *Pandemia*. Elas são, em certos pontos, difíceis de separar entre si, já que se referem a vivências a respeito de acontecimentos que envolvem

ambas. No entanto, sua distinção é importante para destacar respectivamente ambos os fenômenos. Iremos pensar as constelações a seguir.

7.1 Primeira Constelação: *Fake News*

A primeira constelação formada foi chamada de “*Fake News*”. Esta foi, das duas constelações, a maior, envolvendo as unidades de sentido “Mídia”, “Em que acredito e por quê?”, “Narrativas”, “Distorção” e “Capitalismo”.

Ela diz a respeito do fenômeno *fake news*, mas também se debruça sobre diversos desdobramentos dele. Vivemos um momento histórico em que as *fake news* são abundantes e a verdade se torna por elas disfarçada. Não há consenso nem a respeito de uma definição de *fake news*. Um político acusa o outro de que aquilo que diz é falso, mesmo que tal se trate de uma afirmação referente à compreensão básica da realidade ou, como Hannah Arendt colocaria, de “dados elementares brutais” (ARENDR, 2018). É por isso que cabe a pergunta “O que é *fake news* para você?” O próprio termo é polêmico.

É desta forma que também se dão as respostas dos entrevistados. Assim, para M.O., as *fake news* parecem estar relacionadas à difamação, que ele define como uma mentira feita para modificar a imagem de um outro. A divulgação das difamações e mentiras que ele cita se relacionam com a mídia. Esta aparece, então, não apenas como veículo das *fake news*, mas como atuante dentro deste contexto, ora sendo ativa divulgadora delas, ora enquanto denunciadora e lutadora pela manifestação daquilo que está oculto. Isto parece lógico, dado que a mídia não é imparcial e que ela também se coloca num contexto e se posiciona frente aos acontecimentos que trata.

Similarmente, para L.A., *fake news* são mentiras com fins políticos. Ou seja, em ambos os casos há uma mentira e um mentiroso, que visa afetar alguém, seja este alguém uma pessoa cuja imagem se vê distorcida, ou uma sociedade a ser controlada. Isto lembra os escritos de Arendt (2018) em que ela coloca que, na mentira política, há um mentiroso que, através de sua mentira, realiza uma ação, o mentir, a fim de modificar a realidade.

Foi possível observar, também, que ambos se posicionaram a respeito do processo de decidir o que é, ou não, verdade. Por mais que suas justificativas para acreditar naquilo que acreditam sejam distintas, nascem de um mesmo lugar: aquilo com o que eles têm contato no dia a dia.

Enquanto para M.O. isto incorporou, por exemplo, suas percepções a respeito dos trabalhadores da obra que realizou em sua casa, para L.A. levou em conta aquilo que ele já estava estudando. É partir dali que os parâmetros de ambos se criaram. M.O. se coloca da

mesma forma em relação ao instituto Butantã que se encontra perto da sua casa e com o qual ele já vem convivendo, sendo este um motivo para acreditar na eficácia da vacina criada pelo instituto.

De fato, M.O. mostra que sua confiança na verdade das coisas passa por um processo de tomada decisão. Ele coloca que decidiu acreditar “no que é certo”. Isto resulta similar ao apontamento de Arendt (2018) a respeito da mentira política moderna: Trata-se de um tipo de mentira que não visa construir uma narrativa alternativa aos fatos. Muito mais, ela visa instaurar um ceticismo, no sentido de fazer com que a verdade não se destaque entre as mentiras e seja, ela mesma, passível de ser questionada.

No entanto, não parece ser tudo apenas questionado. Há pessoas que acreditam em certas narrativas. Nesse sentido, L.A. concorda que a realidade muitas vezes é questionada de forma exagerada, mas afirma que há sim uma crença em certas verdades. Ele diz que as narrativas são necessárias para dar significado ao mundo. Assim, todos precisaríamos das narrativas para que nossas experiências tenham sentido, mas, ele coloca, há uma falta de parâmetro para essa construção fabricada justamente pelo espalhamento de *fake news*.

Na entrevista de M.O. vemos as narrativas aparecendo enquanto criadas pela mídia, que escolhe o que publicar, dependendo daquilo que, para ela, dá mais dinheiro. Também podem ser identificados diversos significados que ele mesmo dá à Covid-19, como os fatores que para ele incentivam ou desincentivam a propagação do vírus. Como exemplos ele cita a mudança de tempo, a imunidade variável, o contato com o público e o “pegar no pesado”.

Pode-se pensar que tanto M.O., quanto L.A. pressupõem que existe uma verdade e que esta verdade é alcançável, por mais que possa estar disfarçada pela criação de mentiras. Também para Arendt (2018) toda verdade é opaca, ou seja, não-transparente e é de sua essência resistir a ser elucidada, sendo em alguns casos evidente no mesmo grau que uma opinião.

Em termos da origem das *fake news*, os dois entrevistados apontam o governo enquanto autor, e mais especificamente Jair Bolsonaro. M.O. cita o presidente como uma figura que tentou silenciar a mídia e precisou ser pressionado por ela para providenciar cuidados à população, que demitiu ministros que não estavam validando seu discurso e que afirmou que a Covid-19 é apenas uma “gripezinha”. Já L.A. lembra as coisas que Bolsonaro deixou de fazer e que teriam evitado mortes, também coloca ele explicitamente como criador de *fake news*. Para ambos, Bolsonaro representa alguém que, durante a pandemia, impôs, ou pelo menos tentou impor, a sua própria verdade, levando as percepções para longe da realidade.

Isto se relaciona com o discurso competente de Chauí (2014), em que existe um enunciado que é aceitável para ser proferido enquanto verdadeiro ou autorizado e que tem um

cunho cientificista, reprimindo assim o pensamento científico. Dessa forma, Bolsonaro é colocado por ambos entrevistados como figura que criou um discurso e que não aceitou a contradição. Este discurso, na pandemia, dizia a respeito de acontecimentos pandêmicos, mas também de saberes produzidos pela ciência. Foi, assim, a ciência que ele tentou silenciar, praticando em diversos momentos uma pseudociência, ao afirmar, por exemplo, que o vírus SARS-CoV-2 podia ser combatido com o remédio cloroquina, declaração para a qual não havia e ainda não há evidência científica.

Condizendo com Chauí (2014), L.A. pensa as *fake news* enquanto estratégia de controle, sendo uma das formas de atingir isto, o estabelecimento de maniqueísmo político. No entanto, ambos trazem o embate do bem e do mal em suas falas, embora de formas distintas e em contextos diferentes. Na entrevista de M.O., ele cita que existem “notícias do mal” e “notícias do bem”. Ambas podem ser divulgadas pela mídia e ele as define, respectivamente, como notícias que falam apenas sobre as mortes e estão, nesse sentido, enviesadas e notícias que articulam também informações sobre as pessoas que não morrem por conta do vírus e, portanto, não precisam tomar a vacina.

L.A. descreve o maniqueísmo como um acontecimento social, em que aquele que gera as *fake news* cria uma dicotomia entre o bem e o mal, se colocando no lado do bem e apontando para seus opositores enquanto os maus.

A questão do maniqueísmo em ambas entrevistas é relevante porque ela aponta para dois lados que se contradizem entre si. Podemos pensar a polarização política e social, propagada pelas *fake news* e expressada nas diversas notícias, verídicas ou não, divulgadas pela mídia. Também é possível relacionar os escritos de Chauí (2014), em que há uma classe dominante e esta defende uma ideologia que visa ocultar as diferenças entre ela e as outras classes. Frente à ideologia da classe dominante não pode haver contestações, já que a ideia é criar um discurso único, incontestável e coeso, ao qual a sociedade possa se agarrar. Qualquer opositor é indesejável.

Nesse sentido, podemos pensar também naquilo que L.A. coloca a respeito dos antagonistas de Jair Bolsonaro. Para ele, o inimigo é qualquer pessoa que se posicione contra aquilo que ele fala. Isto fica especialmente evidente, dado que durante os últimos anos Bolsonaro mudou de aliados de forma radical, por exemplo, ao apoiar primeiro os EUA e logo depois a Rússia. Outro apontamento feito por L.A. é que Bolsonaro e seus apoiadores vêm escolhendo bodes expiatórios, precisamente os esquerdistas e a minorias históricas, para jogar neles a culpa sobre tudo aquilo que acontece e não parece condizer com a narrativa criada. Em Chauí (2014), podemos pensar nas lacunas que o discurso ideológico tem, lacunas cuja

coerência aparente se atinge através da própria ideologia e do silenciamento das vozes que as apontam. Afinal, se o não-dito é verbalizado, a ideologia é destruída. Ou seja, aquele que tenta dizer sobre a realidade, precisa ser calado ou, como mínimo, desacreditado.

É bem nesse lugar que L.A. aponta suas críticas ao capitalismo que, a fim de controlar as massas, instaura pânico moral e confusão, através do apontamento de bodes expiatórios. Para ele, o capitalismo precisa manter sua imagem de um sistema que funciona e que vale a pena continuar utilizando. Ele tem, assim, um elemento de autopreservação. De encontro com isso, Arendt (2018) pensa a criação de imagens, como podemos pensar que é a do capitalismo, que não apenas visam criar falhas na trama da realidade, mas na verdade têm como objetivo destruir toda e qualquer fatualidade. Assim, todos os esforços do grupo mentiroso e do grupo enganado visam manter tal imagem. Também Chauí (2014) menciona uma imagem, como já descrito, criada pelo grupo dominante, que se propõe ser única, incontestável e ocultar as diferenças e injustiças que ela mantém.

Como colocado, então, vemos o fenômeno *fake news* se desvendar em diversos aspectos. Assim, elas comportam em si mentiras, que desviam o olhar e visam destruir uma verdade existente. Os propósitos dele variam segundo as entrevistas, podendo ser em prol de dinheiro ou de narrativas criadas. No entanto, ele diz a respeito de embate entre visões a respeito daquilo que é bom e daquilo que é mau. Ainda, há uma relação dele com a mídia e com a geração de pânico moral. Vemos, de forma geral, o fenômeno em questão se mostrando como incômodo para os entrevistados, algo que atrapalha suas vivências cotidianas, mas também coletivas, sociais e políticas.

Tendo isto em vista, iremos nos voltar a seguir para o conteúdo das *fake news* que estamos investigando, mas especificamente para a constelação “Pandemia”.

7.2 Segunda Constelação: Pandemia

A segunda constelação a ser analisada é a pandemia. Por se tratar de um acontecimento mais palpável do que as *fake news*, com o qual ambos os entrevistados se depararam, eles relatam vivências com elementos que se parecem. Afinal, a pandemia foi uma experiência coletiva, vivida por cada um a partir de sua própria perspectiva.

Os elementos que compõem as vivências para a constelação “Pandemia” são: “Postura do governo”, “Influência da família”, “Minimização” e “Absurdo”.

Ambos entrevistados se mostram incomodados, como descrito também no item acima, com a postura do governo, que se comportou negligente frente aos acontecimentos da pandemia. No entanto, é preciso acrescentar, neste tópico, que em ambas as entrevistas aparece

uma certa angústia em relação às medidas do governo. O atraso das vacinas, o descaso com as mortes e a falta de encorajamento ao uso de máscaras são exemplos dados para ilustrar esse desconforto.

Para M.O. isto se dá através da mídia, mas ele aponta o governo enquanto aquele que financia a publicação de certas notícias e não outras. Assim, ele aponta escândalos em torno dos filhos do presidente e chega dizer que alguns políticos se posicionaram de forma negligente frente à vacina no Brasil, sob o argumento de que a Covid-19 é apenas uma “gripezinha”. Mesmo assim, eles teriam se vacinado fora do país.

Já na entrevista de L.A., ele coloca a minimização da pandemia, ação realizada pelo governo ao deixar de dar a devida importância aos acontecimentos e tentar desviar o olhar para mentiras. Assim, o papel que o governo teve durante a pandemia vai para além da criação de imagens e narrativas e engloba, como seu cerne, o descaso frente à população, sentimento que parece estar contido em ambas entrevistas.

Nesse sentido, L.A. aponta o absurdo. Absurdo é aquilo que não tem sentido e, para L.A., embora o governo tenha tentado criar sentidos e narrativas para os acontecimentos e para o seu próprio descaso, as ações dele acabam não fazendo sentido. No entanto o absurdo se aplica também à própria pandemia. Expressa, dessa forma, a falta de possibilidade de elaboração que L.A. teve, enquanto alguém que não aceitou narrativas pré-fabricadas. Assim, se ele não acredita nelas, os significados e sentidos vão se desvelando e, durante a pandemia, muitas vezes pareceram desconexos e angustiantes, ou, como ele mesmo coloca “absurdo, absurdo, absurdo”.

Outro ponto são também as mortes. M.O. conta de amigos e conhecidos que ele perdeu durante a pandemia e que, por mais que tivessem se cuidado em relação ao vírus, se viram infectados e vieram a falecer. Já L.A. se vê indignado com as mortes que poderiam ter sido evitadas e com a situação social que isso gerou. Em ambos os casos podemos pensar num agravamento da angústia pela concretização das consequências do descaso acima citado.

Ainda para M.O. a pandemia requereu uma tomada de decisão a respeito do que devia ser feito. Nesse sentido, sua família teve um papel de convencimento, seja para o isolamento, para o uso de máscaras ou para a tomada da vacina. Em diversos momentos, ele coloca sua família como parte do motivo pelo qual teria decidido tomar certas medidas. Assim, a pandemia foi um momento em que, quem teve a oportunidade de se isolar, conviveu ainda mais de perto com as pessoas que moravam junto e em que as decisões tomadas impactaram estas pessoas também. Atividades que anteriormente não tinham consequências para os outros, como por

exemplo visitar um amigo, passaram a ter um impacto sobre a segurança e saúde dos outros e de si mesmo.

No caso de M.O., sua família se preocupou também com ele, explicando que não queria que ele falecesse. Assim, além da preocupação com a própria vida, seus familiares tiveram preocupações a respeito dele e não queriam que ele se colocasse em risco.

Já na entrevista de L.A. foi possível pensar um outro lado. No caso dele, sua família acreditou em *fake news* a respeito da pandemia e não viu necessidade de tomar os cuidados necessários para o momento que estava sendo vivido. Isto significou que L.A. se viu isolado em sua percepção a respeito da pandemia e se sentiu na necessidade, em dado momento, de morar longe dos pais.

São, assim, duas vivências que dizem a respeito da relação com o outro durante a pandemia, mas que também expandem a visão sobre o desespero vivido durante essa época. Parece que a constelação “Pandemia” se relaciona intimamente à angústia, que aparece de diversas formas, mas sempre numa relação, por vezes com o governo, com a mídia ou com a família.

Finalmente, vale pensar a respeito de ambas as constelações e como elas se relacionam entre si. Enquanto a constelação “*Fake News*” parece trazer um aspecto mais político, a constelação “Pandemia” parece estar em relação à vivência mais concreta. No entanto, podemos refletir aqui a respeito do que é, em si, a política. Na pandemia, uma simples ação, como colocar uma máscara, diferenciou os que acreditavam nas falas do presidente daqueles que compreendiam que se estava vivendo uma pandemia que estava acarretando mortes. Assim, ações que podem parecer pequenas e individuais são atos políticos. É ali que está o entrelaçamento de ambas as constelações. As *fake news* analisadas aconteceram no contexto da pandemia e diziam a respeito delas. Por outro lado, a pandemia e sua imprevisibilidade foi uma das causas da necessidade de divulgar *fake news*. Elas são difíceis de separar. No entanto, através de sua separação foi possível colocar a análise em pontos didáticos. Deixa-se, assim, o apontamento que isto apenas aconteceu por fins didáticos e não reflete uma separação que se dá na realidade.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da pesquisa realizada foi o de nos aproximarmos, através de entrevistas, do fenômeno das *fake news* durante a pandemia. Foram, assim, realizadas entrevistas reflexivas com dois participantes que tinham visões distintas a respeito daquilo que tinham sido as *fake news* durante a pandemia. Estas entrevistas foram analisadas a partir de duas constelações: *Fake News* e Pandemia.

Foi possível relacionar diversos sentidos com ambas as constelações. Assim, as *fake news* apareceram enquanto incômodo, que nasce de mentiras que visam ocultar uma verdade e manter o ceticismo, ao mesmo tempo em que mantém uma imagem a respeito da realidade. Também pôde-se observar um embate entre o “bem” e o “mal”, conceitos antagonistas entre si que denunciaram a polarização. A mídia e o governo tiveram um papel decisivo no espalhamento das *fake news* e sua consequência foi o pânico moral, acontecimento que fortalece as mentiras criadas.

Já a pandemia revelou estar relacionada em grande parte com a angústia, que se expressou de diversas formas. Uma palavra que se destacou foi o “absurdo”, enquanto algo sem sentido e difícil de processar. Nesse sentido, o governo e o presidente foram citados enquanto produtores de agravantes da pandemia e da angústia. Outra relação angustiante foi em relação às famílias, com as quais a convivência passou a ser ainda mais de perto e inescapável.

Assim, as vivências dos entrevistados foram relacionadas aos escritos de Hannah Arendt (2018) e Marilena Chauí (2014), pensando-se assim o que os conteúdos narrados diziam a respeito do momento histórico e social vivido pelos participantes. Ela foi possível de ser realizada do ponto de vista de algo que está sendo vivido, já que a pandemia ainda está em andamento.

Mesmo assim, ela apresenta apenas algumas das possíveis perspectivas a respeito dos fenômenos investigados, sendo estas expressas através das entrevistas com M.O. e L.A. No entanto, ela toca em fenômenos adjacentes, como a verdade, a política, a mídia, o absurdo, para citar alguns. Isto é interessante porque ressalta o caráter contextualizado dos fenômenos apresentados.

Como apenas algumas perspectivas são aqui apresentadas e o número de formas de aparecimento dos fenômenos é inesgotável, seria possível realizar a mesma pesquisa com diversas variações (ZAHAVI, 2003). Seria possível variar os participantes, o momento

histórico a respeito do qual a pesquisa foi feita, o contexto histórico e social no qual a pesquisa se insere, entre outros.

A respeito da verdade é de interesse pensar o que ela é e como ela impacta as nossas vidas. Nesse sentido, Arendt (2018, pg. 283) pergunta: “É da essência mesma da verdade ser impotente e da essência mesma do poder ser embusteiro?”

Trata-se de um questionamento político. Se as mentiras na política não são característica apenas de nossos tempos atuais, será que a verdade é compatível com a política? Será que elas estão em constante embate e como seria uma sociedade baseada na verdade?

Nesse sentido, a autora nos deixa com um pensamento um tanto mais otimista: A mentira tem limites e um deles é o futuro, que se encontra sempre aberto à ação, ou seja, à modificação social e política (ARENDR, 2018). Se o futuro está aberto à nossa ação, isto significa que a sociedade vai mudar, para melhor ou pior.

A pandemia foi um período marcado por um pessimismo necessário. Quando se achava que ela iria acabar, ela continuava e levava consigo mais vidas. No entanto, diferentemente de antes, agora temos vacinas e um maior conhecimento a respeito da doença. Isto não significa que o perigo tenha passado ou que podemos desconsiderar a pandemia, mas significa que podemos usar este momento para pensar o futuro, que muito provavelmente irá conter futuras pandemias e eventos imprevistos.

Segundo Hannah Arendt (2018, pg. 325):

Todavia, o que eu queria mostrar aqui é que toda essa esfera (a vida política), não obstante sua grandeza, é limitada - ela não abarca a totalidade da existência do homem e do mundo. Ela é limitada por aquelas coisas que os homens não podem modificar à sua vontade. E é somente respeitando seus próprios limites que esse âmbito, onde temos a liberdade de agir e de modificar, pode permanecer intacto, preservando sua integridade e mantendo suas promessas. Conceitualmente, podemos chamar de verdade aquilo que não podemos modificar; metaforicamente, ela é o solo sobre o qual nos colocamos de pé e o céu que se estende acima de nós.

Se há fatos que não são modificáveis por nós, eles delimitam os espaço dentro do qual podemos ser livres. Nesse sentido, podemos pensar que liberdade absoluta não é liberdade nenhuma. Ou seja, é intrínseco à liberdade que ela tenha limites. As *fake news* podem modificar, temporariamente, aquilo que não é passível de modificação e elas são uma forma de

lidar com esses fatos inconvenientes. Mas, como visto, elas causam instabilidade e, assim, desconforto e angústia. Não são uma solução para o problema, apenas o esquivam e, em alguns casos, como na pandemia, o agravam.

O presente trabalho fez um mergulho nas vivências imediatas sobre *fake news* e pandemia. Pretende ter uma relevância política e social, já que a discussão sobre modos distintos de percepção envolve também o coletivo. Ou seja, as narrativas aqui ouvidas estão num contexto e dizem respeito a ele, e isto, por sua vez, pretende ter relevância também para os campos da psicologia que realizam trabalhos e pesquisas baseadas em narrativas. Assim, diferentes leituras de mundo abrem novas possibilidades de conhecer também os fenômenos sociais e políticos, nos dando a possibilidade de aproximar a psicologia destes campos e, neste caso, também dos fenômenos da verdade e das próprias vivências dos participantes.

9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAD, Carlos Salas. La primera *fake news* de la historia. **Historia y comunicación social**, Madri, v.24, n.2, p. 411-431, 2019. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.5209/hics.66268>. Acesso em: 14 maio 2022.

ABRAMS, Abigail. Here's What We Know So Far About Russia's 2016 Meddling. **TIME**, Nova Iorque, 18 de abril de 2019. Disponível em: <https://time.com/5565991/russia-influence-2016-election/>. Acesso em 20 de abril de 2022.

AFONSO, Nathália. 64,5% das vezes em que Bolsonaro fala em 'fake news' são ataques à imprensa. **Lupa (UOL)**, Rio de Janeiro, 23 dez. 2019. Disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/12/23/bolsonaro-fake-news-imprensa/>. Acesso em: 25 jun. 2021.

ANDRADE, Hanrikson de. Bolsonaro incita PM contra imprensa em dia de matérias sobre Flávio e Abin. **UOL Notícias**, Brasília, 18 dez. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/12/18/bolsonaro-ataca-imprensa-e-poe-pm-contra-jornalistas-sempre-contra-voces.htm?cmpid=copiaecola&cmpid=copiaecola>. Acesso em: 18 jun. 2020.

ARENDT, Hannah. Verdade e política. Em: ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 8ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2018 (Original publicado em 1954). p. 282-325. ISBN 978-273-0117-6.

BARBOSA, Saulo. Verdade, política e fake news: reflexão à luz da obra de Hannah Arendt. **Boletim Historiar**, v. 07, n. 02, p. 3 – 20. mai./ago. 2020.

BARCLAY, Donald. **Fake News, Propaganda and Plain Old Lies: How to Find Trustworthy Information in the Digital Age**. Lanham: Rowman & Littlefield, 2018. PDF.

BBC TRENDING. The saga of 'Pizzagate': The fake story that shows how conspiracy theories spread. **BBC**, Londres, 2 dez. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/blogs-trending-38156985>. Acesso em 20 abr. 2022.

BERNIDO, Rochel Ellen. Internet propaganda affected the 2016 and 2019 PH elections – study. **Rappler**, Pasig City, 7 maio 2022. Disponível em: <https://www.rappler.com/nation/elections/internet-propaganda-affected-2016-2019-philippine-elections-factsfirstph-study/>. Acesso em 20 abr. 2022.

CAMPOS, Gastão Wagner de Souza Campos. O pesadelo macabro da Covid-19 no Brasil: entre negacionismos e desvarios. **Trab. educ. saúde**, v. 18 n. 3, p. 1 – 5, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00279>. Acesso em: 10 maio 2022.

CELESTINO, Carlos. Veja a lista com as dez principais fake news sobre o coronavírus. **Governo de Mato Grosso**. Cuiabá, 1 abr. 2020. Disponível em <http://www.mt.gov.br/-/14066969-veja-a-lista-com-as-dez-principais-fake-news-sobre-o-coronavirus>. Acesso em: 18 jun. 2020.

CHAUI, Marilena. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. 13ª edição. São Paulo: Cortez, 2014 (Original publicado em 2005). p. 15 – 25. ISBN 978-85-249-1190-3.

COLLINS, Keith. People shared nearly as much fake news as real news on Twitter during the election. **Quartz**, Nova Iorque, 29 set. 2017. Disponível em: <https://qz.com/1090903/people-shared-nearly-as-much-fake-news-as-real-news-on-twitter-during-the-election/>. Acesso em: 9 maio 2022.

DEPRAZ, Natalie. **Comprender Husserl**. 3ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2011. ISBN 978-85-326-3581-5.

FACHIM, Felipe Luiz; SZYMANSKI, Heloisa; SZYMANSKI, Luciana. Interpretação como des-ocultamento: contribuições do pensamento hermenêutico e fenomenológico-existencial para análise de dados em pesquisa qualitativa. **Pro-posições**, Campinas, v. 30, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2018-0014>. Acesso em 19 de novembro de 2021.

FAGUNDES, Maria Clara Marques; FREIRE, Neyson Pinheiro; GALHARDI, Cláudia Pereira; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Fato ou Fake? Uma análise da desinformação frente à pandemia da Covid-19 no Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 25, n. 2, 30 set. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320202510.2.28922020>. Acesso em 23 abr. 2022.

FERREIRA, Inaiara de Lima. ALCANTARA, Naiara Sandi de Almeida. Eleições 2018: a relação entre fake news e os candidatos Jair Bolsonaro e Fernando Haddad. **Grupo de Pesquisa em Comunicação Política e Opinião Pública**, Paraná, 1 maio 2020. Disponível em: <https://cpop.ufpr.br/eleicoes-2018-a-relacao-entre-fake-news-e-os-candidatos-jair-bolsonaro-e-fernando-haddad/>. Acesso em: 3 jun. 2022.

FINCK, Almut. Der Beginn des Zweiten Weltkriegs. **WDR 1**, Colônia, 9 março 2016. Disponível em: <https://www1.wdr.de/radio/wdr5/sendungen/zeitzeichen/zweiterwelkrieg106.html>. Acesso em: 9 maio 2022.

GUIMÓN, Pablo. Cambridge Analytica, empresa pivô no escândalo do Facebook, é fechada. **ElPaís Brasil**, São Paulo, 2 maio 2018. Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/02/internacional/1525285885_691249.html. Acesso em: 20 abr. 2022.

G1. É #FAKE que imagens mostrem manifestação pró-Bolsonaro no 1º de maio de 2021 e que ela foi a maior da história. G1, 03 maio 2021. Disponível em <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2021/05/03/e-fake-que-imagens-mostrem-manifestacao-pro-bolsonaro-no-1o-de-maio-de-2021-e-que-ela-foi-a-maior-da-historia.ghtml>. Acesso em 18 jun. 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Acesso à Internet e à televisão e posse de telephone móvel celular para uso pessoal 2019. IBGE, Rio de Janeiro, 2021. PDF.

IDOETA, Paula Adamo. A história de Bolsonaro com a hidroxicloroquina em 6 pontos: de tuítes de Trump à CPI da Covid. BBC News Brasil, São Paulo, 21 mai. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57166743>. Acesso em: 18 jun. 2021.

JAHANGIR, Mohamed Assadullah; MUHEEM, Abdul; RIZVI, Midhat Fatima. Coronavirus (COVID-19): History, Current Knowledge and Pipeline Medications. **International Journal of Pharmaceutics & Pharmacology**, Delhi, v. 4, n. 1, 31 março 2020. Disponível em: <https://ijpp.edwiserinternational.com/admin/uploads/yFhJfm.pdf>. Acesso em: 28 mai. 2021.

LI, Xixing. CUI, Weina. ZHANG, Fuzhen. Who Was the First Doctor to Report the COVID-19 Outbreak in Wuhan, China? **The Journal of Nuclear Medicine**, Reston, v. 61, n. 6, p. 782–783, 17 abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.2967/jnumed.120.247262>. Acesso em: 9 maio 2021.

MATOS, Rafael Christian de. Fake news frente a pandemia de COVID-19. **Revista Vigilância Sanitária em Debate**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 78-85, 2020. Disponível em: <https://visaemdebate.incqs.fiocruz.br/index.php/visaemdebate/article/view/1595/1156>. Acesso em: 18 jun. 2020.

PASLAWSKA, Paulina; POPIELSKA-BORYS, Anna. Phenomenon of Fake News. **Social Communication Special Issue**, Varsóvia, v. 4, n. 1, p.136–140, 2018. PDF.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3a edição. Belém: EDUFPA, 2000. PDF.

PINTO, José Rodrigues. *Fake news e social media em Portugal: conceitos, realidades e hipóteses*. **Repositório Aberto da Universidade do Porto**, 2018. Mestrado em Sociologia. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/119799/2/333946.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2022.

POLONSKI, Vyacheslav. Impact of social media on the outcome of the EU referendum. **EU Referendum Analysis 2016**, Londres, 2016. Disponível em: <http://www.referendumanalysis.uk/eu-referendum-analysis-2016/section-7-social-media/impact-of-social-media-on-the-outcome-of-the-eu-referendum/>. Acesso em: 20 abr. 2022.

POSETTI, Julia; MATTHEWS, Alice. A short guide to the history of 'fake news' and disinformation. **International Center for Journalists**, Washington D.C., 2018. Disponível em: <https://tinyurl.com/2p94ukfx>. Acesso em: 22 fev. 2022.

RENAULT, David; VITORINO, Maíra Moraes. A irrupção da fake news no Brasil: uma cartografia da expressão. **Revista Comunicação e Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 42, n. 1, p. 229-259, jan.-abr. 2020. PDF. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/CSO/article/view/9398/7299>. Acesso em: 9 maio 2022.

RUBIN, Leslie. South Africa: facts and fiction. **The UNESCO Courier**, Paris, 30º ano, nov. 1977. Disponível em: <https://tinyurl.com/zu78dm2e>. Acesso em: 9 de maio de 2022.

SAMPAIO, Lucas. Ranking da Covid: como o Brasil se compara a outros países em mortes, casos e vacinas aplicadas. **G1**, 29 abr. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/04/29/ranking-da-covid-como-o-brasil-se-compara-a-outros-paises-em-mortes-casos-e-vacinas-aplicadas.ghtml>. Acesso em: 16 mar. 2022.

SANCHES, Mariana. O que é o isolamento vertical que Bolsonaro quer e por que especialistas temem que cause mais mortes? **BBC News Brasil**, Washington, 25 março 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52043112>. Acesso em 19 maio 2022.

SHALDERS, André. Quais são as principais medidas do governo brasileiro contra o Coronavírus até agora? **BBC News Brasil**, Brasília, 14 mar. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51889723>. Acesso em: 28 mai. 2021.

SILVA, Luiz; SAMPAIO, Rafael. Impeachment, Facebook e discurso de ódio: a incivildade e o desrespeito nas fanpages das senadoras da República. **Esferas - Revista Interprogramas de Pós-graduação em Comunicação do Centro Oeste**, v. 6, 2017. PDF. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/9334>. Acesso em 3 jun. 2022.

SILVA, Marina Maria Soares. Catalisadores das Fake News: Uma Discussão Teórica no Âmbito Sociológico. **Ágora Filosófica**, Recife, v. 20, n. 1, p. 5-26, jan./abr. 2020. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/324173543.pdf>. Acesso em 21 abr. 2022.

SILVEIRA, Ada C. Machado da; SANCHOTENE, Carlos; LAVARDA, Suélen de Lima. Quando as Notícias mais Compartilhadas são Falsas: a Circulação de Boatos durante a Semana do Impeachment no Facebook. **Revista Comunicação e Informação**, Goiânia, v. 20, n. 3, p. 99-112, out./dez. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/46950/24944>. Acesso em: 23 abr. 2022.

STAAR, H. WYWIJAS, T. ZEITNER, J. "Nichts als die Wahrheit?" - eine empirische Untersuchung des Zusammenhangs zwischen persönlichkeits- und nutzerbezogenen Faktoren und der Suggestibilität für Fake News im Internet. **Gemeinschaften in Neuen Medien**: Dresden, 2020. PDF.

SZYMANSKI, Heloisa; SZYMANSKI, Luciana. A pesquisa na perspectiva fenomenológica: uma proposta dialógica e cooperativa. Em: MELO, Fabiola Freire Saraiva de; SANTOS, Gustavo Alvarengo Oliveira. **Psicologia Fenomenológica Existencial: fundamentos filosóficos e campos de atuação**. Manole, Santana de Parnaíba, 2022.

TEIXEIRA, Adriana. Fake news contra a vida: desinformação ameaça vacinação de combate à febre amarela. Mestrado em Comunicação e Semiótica, **Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**, São Paulo, 2018. 98 páginas. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/21972/2/Adriana%20Teixeira.pdf>. Acesso em 21 abr. 2022.

TEÓFILO, João. Verdade factual, mentira organizada e ditadura militar brasileira: alguns apontamentos a partir das reflexões de Hannah Arendt. **SÆCULUM – Revista de História**, João Pessoa, v. 39, jul./dez. 2018. PDF. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/41106/21671>. Acesso em: 3 jun. 2022.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18a edição. São Paulo: Cortez, 2011. PDF.

VIVABEM UOL. Governador do PI critica fala de Bolsonaro sobre máscara: 'Medida protege'. Viva Bem UOL, 11 jun. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/06/11/governadores-bolsonaro-mascara.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 18 jun. 2021.

WERNER, Frank. Schlacht der Lügen. **Die Zeit**, 2 out. 2017. Disponível em: <https://www.zeit.de/zeit-geschichte/2017/03/erster-weltkrieg-propaganda-wahrheit-luegen/seite-2>. Acesso em: 9 mai. 2022.

ZAHAVI, Dan. **Husserl's Phenomenology**. Stanford University Press: Stanford, 2003. PDF.

ZAHAVI, Dan. **Phenomenology: The Basics**. 1a Edição. Routledge: Oxon, 2019. PDF.

ZAVARO, Rafael Böcker. *Impeachment, lawfare y fake news* em Brasil: Um espejo latinoamericano. **Revista Internacional de Organizaciones**, Tarragona, n. 25-26, p. 7 – 26, dez. – abr. 2021. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7960977>. Acesso em: 3 jun. 2022.

ANEXO A – TERMO DE CONSETIMENTO E LIVRE ESCLARECIMENTO

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é um convite para participação em uma pesquisa de conclusão de curso chamada “Fake News e Pandemia: As múltiplas vivências das verdades”, que tem como objetivo compreender o fenômeno das Fake News na pandemia do SARS-CoV-2 a partir da experiência das pessoas que o vivenciam, buscando compreender como ele se dá, como ele é vivenciado em sua multiplicidade e o que significa para aquele que o vivência.

Sua participação não é obrigatória e sim voluntária. Se você desejar participar da pesquisa, deverá assinar duas vias iguais deste documento, de modo que uma ficará com você e a outra com a pesquisadora.

A sua colaboração acontecerá por meio de participação em entrevistas individuais, que serão gravadas em áudio para serem transcritas em momento posterior, caso você concordar.

Mesmo após aceitar participar, você tem o direito de sair da pesquisa a qualquer momento, basta avisar à pesquisadora.

Todas as informações coletadas serão de uso exclusivo para o trabalho e sua identidade será mantida em sigilo. Você não terá gastos com a participação, assim como não receberá nenhum pagamento.

O estudo será realizado por Macarena María Sfeir Sfeir, estudante de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), sob a orientação da Professora Dra Luciana Szymanski Ribeiro Gomes. Sempre que for necessário algum esclarecimento, você poderá solicitar durante os encontros ou através dos contatos:

(11) 993740629 | maca.sfeir.2602@gmail.com

(11) 36708000 | lucianaszymanski@gmail.com

Este termo pode conter palavras que você não entenda. Se for o caso, peça explicações e esclarecimentos antes de assiná-lo.

Declaro conhecer as informações contidas neste termo e que todo o procedimento de pesquisa foi explicado satisfatoriamente, assim como que minhas dúvidas foram respondidas. Como voluntário(a) dou meu consentimento para participar desta pesquisa.

ANEXO B – ALGUMAS UNIDADES DE SENTIDO DA ENTREVISTA COM M.O.

Fala do Entrevistado	Interrogações de sentido	Possíveis respostas à interpretação	Impressões	Unidades de sentido	Constelações
<p>Mas eu acho, assim, que tem uma pessoa que paga para a pessoa fazer alguma maldade para essa pessoa e difamando a pessoa. Que mais? Por exemplo, essa semana falaram do irmão daquele cantor sertanejo, Luciano. E comentaram que ele saiu do armário, né? Eu acho que isso é <i>fake news</i>, não sei se é verdade ou é mentira, mas as pessoas aumentam - se escuta isso, pode falar outras coisas, aumentar.. É uma bola de neve, né? Então a difamação que deveria responsabilizar, ou seja, entrar com processo do quem pagou pra fazer isso e de quem fez isso. Unir de uma forma ou com dinheiro, uma multa pesada e até mesmo prisão. Porque uma difamação leva até a morte a pessoa, né? Os vizinhos ficam pensando.</p>	<p>O que são <i>fake news</i>?</p> <p>Como as <i>fake news</i>, no sentido de difamação, se dão?</p>	<p>Ele relaciona <i>fake news</i> e difamação.</p> <p>As <i>fake news</i>, no sentido de difamação, acontecem através de um pagamento. Há dinheiro envolvido.</p> <p>Ainda, elas podem causar sofrimento.</p>	<p>Por mais que as <i>fake news</i> não necessariamente precisem ter uma pessoa como conteúdo, elas podem ter. Parece-me que ele está fazendo um movimento da parte ao todo, o que faz sentido, dado que ele mesmo diz que não tinha pensado muito a respeito ainda.</p>	<p>Mídia</p>	<p><i>Fake News</i></p>
<p>(Você acreditou no que a sua filha falou sobre-) Acreditei no que minha filha e acreditei também, como fala, acreditei na mídia também, né? Estava uma controvérsia entre mídia e o que é verdade, o que é, o que é errado, eu acreditei no que é certo. Porque gastaram dinheiro enorme para essa vacina. Porque tinha, já tinha algumas outras pessoas que tomaram a</p>	<p>Quais os motivos para acreditar na vacina?</p>	<p>Aqui a mídia aparece como instância na qual ele pôde acreditar. Outros argumentos incluem sua filha e o fluxo de dinheiro que foi para a criação da vacina.</p>	<p>Ele apresenta diversos motivos para acreditar que a vacina é eficaz. Fica a dúvida: O que é errado? O que é certo? Como saber qual é qual?</p>	<p>Mídia</p> <p>Em que acredito e porquê?</p>	<p><i>Fake News</i></p> <p>Pandemia</p>

Fala do Entrevistado	Interrogações de sentido	Possíveis respostas à interpretação	Impressões	Unidades de sentido	Constelações
vacina e que não voltaram a ter covid de novo, né?					
<p>(Você falou: “Acreditei no que era certo.” Como você soube o que era certo?)</p> <p>Como eu posso te falar? Acreditei porque eu morava ali perto da USP, eu conheço o Instituto Butantã. É um instituto muito sério, né? E que eles não iam fazer alguma coisa errada pra prejudicar o pessoal de São Paulo, né? Até porque também ia prejudicar a imagem do governador. Então eu acreditei muito na mídia. A mídia foi também muito responsável por isso, né? Tinha todo o, como é que fala? Pessoas responsável, né? Falando na mídia toda hora, né?</p>	<p>- Como saber o que é certo?</p> <p>- De onde vem a confiança no Instituto Butantã?</p>	<p>Parece que M.O. cria sua opinião e confiança através de experiências diárias. Assim, o Instituto Butantã dá confiança porque ele mora perto. Também há, no entanto, justificativas através de deduções lógicas. Caso a vacina não fosse eficaz, o governador seria prejudicado. Portanto, ele não investiria em algo que o pudesse prejudicar.</p>	<p>Ainda, as falas se misturam e contradizem. A mídia não era antes fonte de desconfiança?</p>	<p>Mídia</p> <p>Em que acredito e por quê?</p>	<p><i>Fake News</i></p>
<p>(Você vai tomar a quarta dose também?)</p> <p>Também. Eu até falei brincando com a minha mulher que eu não ia tomar, né? Que eu já tomei, já tomei três, né? Não, vai tomar sim. Você tem mulher, você tem filhos. Nós queremos você vivo, não morto. E eu me senti um pouco mais assim, seguro, também por causa dessa vacina, embora não seja bem assim.</p>	<p>- Qual é o papel da família na hora de tomar a vacina?</p> <p>- Por que ele fez essa brincadeira com a família?</p>	<p>Parece que houve uma pressão da família para que ele tomasse a vacina. Através de sua brincadeira ele pode estar manifestando uma dúvida, mas ele a classifica como brincadeira.</p>	<p>Acho que aqui pode-se perceber que M.O. se apropria de duas narrativas que se contradizem em alguns pontos.</p>	<p>Em que acredito e por quê?</p> <p>Influência da família</p>	<p><i>Fake News</i></p> <p>Pandemia</p>

Fala do Entrevistado	Interrogações de sentido	Possíveis respostas à interpretação	Impressões	Unidades de sentido	Constelações
<p>É, quem trabalha no pesado, a possibilidade dar Covid é mínima. (...) Quem trabalha pesado, tem a resistência, é maior, né? Eles comem rápido, vai trabalhar, ele pega no pesado, ele soa a camisa, enfim, ele tá ali frio, ele já tá acostumado no frio, na chuva. E às vezes eles nem se cuidam. Não passa protetor, não se cuidam. Só que a saúde deles é melhor do que quem trabalha no escritório. (Isso é algo que você leu ou algo que você observa no seu dia a dia?) No meu dia a dia.</p>	<p>- Há uma relação entre levantar peso e contrair Covid-19? - A hipótese levantada foi levantada a partir de que?</p>	<p>M.O. estabelece essa relação a partir de sua experiência cotidiana.</p>	<p>Me parece que ele esteve muito inserido nas obras que aconteceram em seu condomínio durante a pandemia e fez uma observação que o fez levantar essa hipótese.</p>	<p>Em que acredito e por quê?</p>	<p><i>Fake News</i></p>
<p>E aí a mídia começou a pressionar os governante, né? Não documentava todo mundo, não tem equipamento pra todo mundo e a mídia foi, ajudou muito nesse sentido. Nesse sentido me ajudou muito. (...) Pela mídia falaram que o governo, o governo do estado, o governo federal. Os ministros, né? Alguns sério né? Esconderam os casos sérios, né? Então, quando a mídia entrou, aí foi descobrir aí, rolou até o pescoço desses que mandaram embora, né? O governo não esperava gastar tanto dinheiro com isso.</p>	<p>Qual o papel da mídia?</p>	<p>Para M.O., a mídia fez o papel de pressionar o governo para liberar verbas para a compra de equipamentos e de publicar a respeito dos casos sérios de Covid-19, algo que segundo ele o governo vinha tentando esconder.</p>		<p>Postura do governo Mídia</p>	<p>Pandemia <i>Fake News</i></p>
<p>É, é, talvez, a pessoa tem que ter mais cautela sobre esse <i>fake news</i>, né? Com mais cuidado e não acreditar muito</p>	<p>Dever-se-ia ter opiniões próprias?</p>	<p>Sim, aqui ele está colocando que cada um todos precisam formar sua própria opinião.</p>		<p>Em que acredito e por quê?</p>	<p><i>Fake News</i></p>

Fala do Entrevistado	Interrogações de sentido	Possíveis respostas à interpretação	Impressões	Unidades de sentido	Constelações
<p>sobre.. tem que ter o seu conhecimento por dentro também. Que fala. Eu vou por dentro. Olha eu preciso. Coisa séria. Está acontecendo isso com amigos, parente. Você tem que ter a sua opinião própria também.</p>					

ANEXO C – ALGUMAS UNIDADES DE SENTIDO DA ENTREVISTA COM L.A.

Fala do Entrevistado	Interrogações de sentido	Possíveis respostas à interpretação	Impressões	Unidades de sentido	Constelações
<p>Bom, o que é <i>fake news</i> pra mim? Acho que para além da questão de ser uma coisa que é, bom, mentira, né? Não é uma mentira qualquer. É uma mentira com fim político, né? É uma mentira pensada, mentira não só mentira no dia a dia, mas, assim, uma mentira elaborada por muitos políticos com interesses, geralmente, de virar o que a gente chama de gerar pânico moral, né? Em geral, não todas as Fake News que são voltadas para a questão do pânico moral, mas em geral elas são feitas para isso, né? Para causar um pânico mesmo na sociedade, geralmente tem esse fundo de tipo, de conspiração mesmo, assim né? De ah, o mal estar vencendo, nossas crianças, tem muitas crianças e nossas crianças estão sendo ameaçadas por vacina, por doutrinação, por ideologias, assim, e isso tem o fundo de alavancar, de gerar uma... como é que chama? Um maniqueísmo político mesmo, assim, bem contra o mal. O mal estaria propagando isso e aí o bem estaria denunciando isso, né? Denunciando essas decisões que estão acontecendo, né? E daí isso favorece, né? Uma certa candidatura de certos políticos, né? E com, com base... Sem</p>	<p>O que é Fake News? Para que são as Fake News?</p>	<p>Fake News, para ele, são mentiras elaboradas, colocadas no âmbito político para criar pânico moral através de narrativas que denunciam falsamente a criação do mal, favorecendo, assim, um grupo político, que seria o que deteria a verdade e o bem. A ideia por trás seria manipular o processo democrático.</p>	<p>Me pareceu que ele já pensou muito a respeito do tema, dado que sua fala já estava muito elaborada.</p>	<p>Narrativas Distorção</p>	<p><i>Fake News</i></p>

Fala do Entrevistado	Interrogações de sentido	Possíveis respostas à interpretação	Impressões	Unidades de sentido	Constelações
<p>base na verdade, né? Com base, né, em fatos que não são verificáveis, nem cientificamente nem socialmente, nem por nada, assim sabe? E também tem um outro lado das <i>fake news</i>, também, que eu acho que é de retomar essa narrativa, né? De criar uma narrativa que favoreça ao seu grupo político, né?</p>					
<p>(Bolsonaro se elege em) ficar gerando crises assim, né? E aí quando chega uma crise de verdade, o que é a pandemia, que é uma coisa que está fora do controle deles, eles não podem suportar essa crise, né? Eles têm que ficar sempre no contrário do que os opositores estão falando. Então assim, se surge a pandemia, que é um problema real e que os inimigos deles, os adversários, denunciam a pandemia, ele vai minimizar isso, ele vai tentar, tipo, gerar uma narrativa, assim, de minimizar a pandemia para continuar tendo controle restaurativo, assim sabe?</p>	<p>- Para que se criam as <i>fake news</i>? - Como se criam as <i>fake news</i>?</p>	<p>Segundo L.A., as <i>fake news</i> são criadas para se obter controle. Isto se faz gerando crises. Quando se gera crises e acontecem crises reais, isto dificulta o controle. Portanto, aqueles que denunciam as crises reais precisam ser contrariados.</p>		<p>Distorção Narrativas</p>	<p><i>Fake News</i></p>
<p>Então eu acho que isso tudo é uma situação muito absurda, e olhando pra trás, sabe, é muito absurdo, essa situação que as <i>fake news</i> criaram, uma narrativa absurda, criaram alguns absurdos, né, gerou uns cenários absurdos, absurdos, absurdos, né?</p>		<p>Absurdo.</p>	<p>Mais uma vez, acho que ele está angustiado ao falar isso.</p>	<p>Angústia</p>	<p>Pandemia</p>

Fala do Entrevistado	Interrogações de sentido	Possíveis respostas à interpretação	Impressões	Unidades de sentido	Constelações
<p>(...) mas eu acho que esse negócio da <i>fake news</i> e tal, criou um discurso social de “eu falo o que eu quiser, eu penso o que eu quiser”. Não tem mais assim, tipo, ah, eu tenho argumentos para pensar se isso é real ou não. Não, eu pego qualquer notícia que eu concorde com ela. Não importa a fonte dela. Eu nem vou ver se essas notícias mentem. Então assim, cada um pode decidir se acredita no WhatsApp (...).</p> <p>Então assim, é a falta de diálogo como base da coisa, né? As pessoas não querem mais entender, elas não querem mais parâmetro, assim sabe? Elas não abarcam a discussão, sabe? E isso acho que... Para qualquer coisa mudar, precisa ter discussão. Precisa concordar em alguma coisa, assim né?</p>	<p>Quais foram as consequências das <i>fake news</i> no discurso social?</p>	<p>As Fake News criaram um discurso social de que qualquer pessoa pode opinar a respeito da pandemia, do jeito que achar melhor, e acreditar naquilo que acha que lhe faz sentido. Isto resulta numa falta de parâmetro.</p>	<p>Esta fala é muito importante. CITAR.</p>	<p>Narrativas Distorção</p>	<p><i>Fake News</i></p>
<p>Acho que tem muito também alguma coisa assim, tipo um pouco essa sensação assim que estamos no futuro assim sabe? Estamos no século 21, nós controlamos a natureza, assim, nós não vamos passar mais por esse tipo de coisa. Pandemia é uma coisa no começo do século vinte. É uma coisa do passado, isso nunca vai acontecer. Como, sabe, as pessoas, elas, não estão preparadas, foram pegadas de surpresa</p>	<p>Por que as pessoas acreditam nas <i>fake news</i>?</p>	<p>L.A. menciona aqui mais uma vez o controle, respaldado por um sentimento de superioridade.</p>		<p>Narrativas Distorção</p>	<p><i>Fake News</i></p>

Fala do Entrevistado	Interrogações de sentido	Possíveis respostas à interpretação	Impressões	Unidades de sentido	Constelações
<p>pela pandemia nessa forma, sabe? E sinto muito um discurso muito assim sabe? Nossa, quanta (não dá para entender) que a gente tem posto. Como é que isso aconteceu sabe? E aí precisa criar significado para aquilo, né?</p>					
<p>Não supera a natureza, nada que a natureza faça a gente não vai poder dominar ela assim. E aí e de repente as pessoas não podem nem confiar mais nessa tecnologia, nem confiar mais na ciência e assim, nesse sentido, assim, sabe? Então tem que criar narrativas maiores, sentidos maiores, assim, para poder suportar, assim, né? Então, é bem nesse sentido mesmo, de criar narrativas, de criar sentidos, de criar histórias mesmo assim, né? Para poder... Para que tudo isso possa se integrar na sua história de vida de uma forma significativa.</p>	<p>O que acontece quando os acontecimentos na natureza ultrapassam as mentiras criadas pelo sistema capitalista?</p>	<p>É necessário criar novas e maiores narrativas.</p>		<p>Capitalismo Narrativas</p>	<p><i>Fake News</i></p>
<p>Então eu acho que essas pessoas, elas têm caixinhas muito fechadas, sentidos muito fechados, assim, sabe? Eu não consiga abrir, assim, e criar novos sentidos, sabe? E também vai criando essas... vai se criando narrativas em cima dessas ideias muito fechadas, assim, para tentar explicar tudo assim mas fica uma coisa, vira um bagulho</p>	<p>Como é a visão capitalista e conservadora?</p>	<p>Trata-se de uma visão de mundo fechada em cima de ideias que são colocadas, que tentam explicar aspectos, mas não dão conta da realidade e acabam gerando grandes distorções.</p>		<p>Narrativas Distorção Capitalismo</p>	<p><i>Fake News</i></p>

Fala do Entrevistado	Interrogações de sentido	Possíveis respostas à interpretação	Impressões	Unidades de sentido	Constelações
bem... Digamos assim, que vai cada vez mais se afastando da realidade, assim.					